

AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a orientação de
Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Quase um programa

A criação de qualquer jornal é uma aventura fascinante, mas é, sobretudo, sempre, uma aventura muito perigosa. Para além do horizonte que vemos, nas regiões para as quais vamos agora partir, estão, de certo, mundos desconhecidos, cheios de desafios e mistérios. Que desafios, que mistérios serão esses?

Aqui estamos a postos, todos os companheiros que Cassiano Ricardo convocou para a sugestiva jornada de A MANHÃ. Estamos talvez inquietos e ansiosos, como estariam os marujos de Colombo em Palos, ou os de Fernão de Magalhães, em Sevilha.

A aurora que surgiu foi formosa e promissora. O céu é azul e o mar, bonança. Sust! Partamos a investir as ondas altas. E a Deus misericórdia!

Se todo jornal que é fundado traz um ar de aventura — como não o terá, dentro de um jornal, um suplemento literário, coisa de sua própria natureza desinteressada, e por assim dizer poética? No jornalismo brasileiro dos nossos dias, o que se refere à literatura é, em geral, relegado, como coisa noca, e até demoníaca. Alguns dos suplementos, que orgulhosamente se chamam literários em nossa imprensa diária, são, por sua mesma essência, o que há de mais anti-literário — se é aventurear para o nosso素养 que realmente chegam a existir. Muitos positivamente não existem, e serão tão suplementos literários quanto um punhado de couve, que uma cozinheira põe na panela, pode ser uma coroa de louros...

Céticos como somos de todos os programas, e sobretudo dos programas literários, ousamos entre tanto aventurear para o nosso素养 o programa que acabamos de traçar — e que é, como se vê, o mais modesto que poderia ser.

AUTORES E LIVROS FAZ PARTE INTRINQUE DA EDIÇÃO DE DOMINGO DE "A MANHÃ", E COMO TAL NÃO PODE SER VENDIDO AVULSO. OS LEITORES DEVERÃO RECLAMAR-LA TODA A VEZ QUE COMPRAREM "A MANHÃ".

DADO, PORÉM, O ENORME INTERESSE QUE O ANUNCIO DO SEU APARECIMENTO TEM DESPERTADO EM TODOS OS MELHORES CULTOS DO BRASIL, JULGAMOS ACREDITAR ACEITAR ASSINATURAS A PRÉVIO RÉDICO. ESPECIALMENTE DESTINADAS A AUTORES E LIVROS.

CHAMAMOS A ATENÇÃO DO LEITOR PARA O CARÁTER DE CONTINUIDADE QUANTO A AUTORES E LIVROS. SUA PAGINAÇÃO SERÁ SEMPRE UNIDA PELA EDIÇÃO DE UM ANO. PERÍODO ADICIONAL DE TODA A MATÉRIA PUBLICADA.

PODEMOS, ASSIM, COLECCOES QUE OS LEITORES PODERÃO GUARDAR INCADERNANDO-AS CONVENIENTEMENTE.

TAMBÉM CHAMAMOS A ATENÇÃO DE TODOS OS QUE NO BRASIL SE INTERESSEM PELOS ASSUNTOS DAS LETRAS PARA A CONVENIENCIA DE GUARDAREM OS MELHORES DE AUTORES E LIVROS. POIS ESTA PUBLICAÇÃO PROCURA-SE CONSTITUIR-SE CADA VEZ MAIS UM REPOSITÓRIO CUIDADOSO E ELEVADO DE TUDO O QUE REPRESENTE ATIVIDADE LITERÁRIA EM NOSSA TERRA.

SUMÁRIO

- PÁGINA 1:
 — Quase um programa
 — Explicação do suplemento
 — Sumário
 — Literatura e Estatística - TRISTÃO DE ATAIDE, da Academia Brasileira
- PÁGINA 2:
 — Literatura e Estatística (continuação da página anterior)
 — Fáscias da insônia amorosa — RIBERIO GOUTO. Ilustração de Lívio Abramio
- PÁGINA 3:
 — Inquéritos literários. Kara-kiri.
 — Faia José Ribeiro
 — Almoco a Gilberto Freyre
 — Homenagem a Cândido Portinari
 — Epilogista — SOUSA DA SILVEIRA
- PÁGINA 4:
 — Notada - Conto de TRISTÃO DA CUNHA. Ilustração de Osvaldo Goeldi
- PÁGINA 5:
 — Notícias literárias
- PÁGINA 6:
 — Notas de tempo — CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
 — A margem dos Países Incisivos — JORGE DE LIMA
- PÁGINA 7:
 — A marcenaria dos Países Incisivos (continuação da página anterior)
 — Balada a Philip Muir — CECILIA MEDRELES. Ilustração de Lívio Abramio
 — Notas bibliográficas
- PÁGINA 8:
 — A mal velha Academia: Os Esquecidos — PEDRO CALMON, da Academia Brasileira
 — Centenário de Salvador de Mendonça
 — Notas bibliográficas (continuação da página anterior)
- PÁGINA 9:
 — A vida dos Livros. Meditação sobre a Crítica — MUCIO LUIZ — Um poeta clássico: João Caspar do Nascimento — João Caspar Simões
- PÁGINA 10:
 — A existência de "Moli Flanders" — LUCIO CARDOSO
 — A Embaixada da Cultura de Portugal
 — Os bons velhos tempos do sacerdote — PEREGRINO JUNIOR
 — Efemerides da Academia
- PÁGINA 11:
 — Efemerides da Academia (continuação da página anterior)
 — O sr. Getúlio Vargas na Academia
- PÁGINA 12:
 — Um dia com Leite de Vasconcelos — ANTENOR NASCIMENTOS
 — João Ribeiro crítico — A propósito de uma blague literária
- PÁGINA 13:
 — Fáscias de uma poesia (continuação da página anterior)
 — Opiniões de Raul Pompeia
- PÁGINA 14:
 — Opiniões sobre Raul Pompeia
 — Fáscias do dia: A obra de Frei Leandro, de ROQUE PINTO
 — Notida (continuação da página 4)
- PÁGINA 15:
 — Uma página de Hans Staden
 — Ilustração de Perlinari
 — Secreta — SAN TIAGO DAN-TAS
- PÁGINA 16:
 — Fáscias de uma poesia (continuação da página 13)
 — Correspondência de escritores. Carta de João Ribeiro a Isaac Teitelzher.

LITERATURA E ESTATÍSTICA

Tristão de Athayde (Da Academia Brasileira)

Literatura é um termo ambíguo, como tantos outros, como quando todos os que falam de literatura falam é apenas um símbolo abstracto e não univoco da realidade das coisas. Podemos entendê-lo em sentido lato e nesse sentido as livrarias, na expressão todas as obras mentais do engenho humano, sejam encravadas, sejam orais, sejam de arte sejam de ciência, sejam de finalidade própria sejam de finalidade instrumental. Ora, nessa entidade lata, tem-se sentido estritamente, tem-se caso de consciência, o conjunto da obras — fruto de inclinações e de normas — que visam a expressão universal pela palavra.

No primeiro sentido a literatura é um meio e uma totalidade. No segundo sentido, que é o seu próprio e específico, passa a ser um fim em si e uma parte apenas da totalidade.

É certo que deixa de lado as indissociáveis definições da literatura e a sua limitação a registrar o que é bom senso nos dits. O mesmo faz em relação ao outro termo deste estudo — a estatística.

Um sociólogo inglês, Griffith, servindo-se apenas de fontes inglesas, encontra milhares de definições de Socialismo. Tanto é que havia encontrado 189 definições de Socialismo em 1899 no "Congresso de Estatística", reunido em Haya, que havia encontrado 189 definições dessa atividade, a um tempo artística e científica, isto é, antigamente seus conceitos empíricos quanto a suas conceções empíricas quanto a sua elaboração em um elaboração teórica.

Deante disso, recorremos também ao bom senso, como no caso da literatura. Ela nos ensinará que a Estatística, em sentido estrito e próprio, quer dizer dizer que, como ciência, é uma indução das fenômenos individuais ou coletivos, a todos numerosos.

Bem sei que muitos e muitos maiores consideram a estatística como sendo apenas uma "clínica das massas sociais" (G. von Mayer-Schönig, em "Geistesstatistik", 1^a ed. 1914, I, 2). Não vejo, porém, como excluir de seu âmbito igualmente os fenômenos que determinam chama de "paradoxos" de个体的 de massa. Isto é, os fenômenos de repartição da atividade

das relativas a um só individuo. O que há é que os fenômenos sociais são muitas vezes mais adequados ao tratamento estatístico.

Se haja estatística onde há
 1 — pluralidade de fatos,
 2 — redução a índices numéricos.

Nestes dois elementos são essenciais a diferenciação específica dos fenômenos estatísticos. Não vejo, porém, que as se possam tratar estatisticamente os fenômenos literários ou não os fenômenos literários. Há aliás dois setores distintos: o da sociometria e o da antropometria. Compreendido este último termo, não apreensão em seu sentido biológico, mas igualmente em seu sentido psicológico mesmo transpsicológico.

Exclarecido assim o sentido em que temos os dois termos, vejamos como se relacionam essas duas atividades, aparentemente contraditórias entre si — a estatística e a literatura. É aparentemente contraditória, digo eu porque a estatística é do domínio da ciência e a literatura é do domínio da arte.

Outra vez, ouro um tanto à maneira de falar, uma distinção estatística, pois se trata de duas atividades que estão entre si na mesma relação simplesmente analógica, isto é, que se tocam sob certos aspectos e se reparam por outros.

Há pois, entre estatística e literatura, propriamente dita, razões de incompatibilidade de pontos de vista.

Seis são as principais razões de incompatibilidade que veio entre a literatura, assim entendida, e a estatística.

A primeira é que a literatura é do domínio da qualidade e a estatística é do domínio da quantidade. Sendo uma tradução da vida individual quanto como representação da vida exterior e social — o domínio próprio da literatura é a tradução de ideias e de ideias que não são reducíveis a números.

Logo, escapar a elas a própria essência da literatura.

A segunda razão filosófica de incompatibilidade que veio entre literatura e estatística é que os fenômenos literários são por natureza singulares, ou seja, que só é estatística onde há repetição.

As unidades que se consideram em todo fenômeno literário. Como a beleza, que é o domínio próprio das artes cênicas (pois deixamos aqui de considerar as artes literárias e as artes técnicas, uma das quais é a estatística).

(Continua na pág. seguinte)

INQUÉRITOS LITERÁRIOS

HARA-KIRI

Autores e livros resolviu proceder, entre os escritores brasileiros, a alguns inquéritos, que nos parecem da maior atualidade.

Tais inquéritos irão surgindo pouco a pouco, pois precisam ser pacientemente elaborados, uma vez que atendem a questões primordiais da cultura e do pensamento nacional.

Neste seu primeiro número, porém, o suplemento literário de *A MANHÃ* inicia o seu primeiro inquérito literário. Intitulamo-lo *Hara-kiri*. Como sabe o leitor, o *hara-kiri*, ou é um costume aristocrático do Japão; e, mediante o que determina, quando um samurai está desgostoso da vida ou se sente ferido na preleza honra, mete um punhal ou uma espada no ventre, e o rasga de um lado a outro. Nossos *hara-kiri* serão, evidentemente, e aqui ninguém meterá punhas nem espadas no próprio ventre, é muito menos nos ventres alheios.

Nosso *hara-kiri* consistirá no auto-exame que cada escritor fará, tornando como campo de análise, a própria obra. — "Que achou você de ruim ou de pessimo em sua poesia?", ele o que ouvimos perguntar a um poeta. — "Que achou você de tolo ou de detestável em sua prosa?" — ele o que ouvimos perguntar a um prosador. Reoricamente irão tais poetas e tais prosadores responder-nos. Nesta época, em que tudo em literatura se reduz a um esforço de crítica, podemos imaginar que nada será mais oportuno que um inquérito diário.

No velho Japão — hoje não sabemos se será ainda assim — o *hara-kiri* foi um privilégio de classe. Os samurais tinham direito a se rasgarem o precioso ventre... Reservemos, também, para os amanuenses das nossas casas, este privilégio que sejam eles, os gabineteiros da nossa arte escrita e não a rázé obscura e trivial, que nos mandem as fulminantes respostas que valham como suicídio.

Querendo prestar justa homenagem a geração passada, e, ao mesmo tempo dar a um dos maiores heróis de letras do Brasil uma atualidade a que por todos os títulos ele tem direito, resolvemos iniciar o inquérito do *hara-kiri* com João Ribeiro. Poucos escritores foram tão maliciosos para com os outros e sobretudo para convigo mesmos do que ele. Poucos exerceram com tanto sabor a deliciosa faculdade da auto-ironia...

(Continuado da pág. anterior)

do envolvimento revolucionário e a sua franca evolução para novos ideais, depois de Vinte e cinco anos de desmobilização do drama quotidiano. Que fogo para a Herdade, nas aulas de humorística e de violência geral! Que animo de arrebatamento de mudanças vividas em uns regimes instaurados convertendo grandes povos europeus. Que desejo de simplicidade, de infinituidade mesmo, depois da transformada tragédia, que revela essa infinituidade literária.

O emprego dos meios estatísticos no estudo da difusão cultural é, portanto, uma das condições do estudo objetivo, não só da literatura comparada, como da própria história das idéias. Como se sente, por exemplo, a força sempre viva do cristianismo, o desvelo de tantas apariências contrárias, quando se lê que as Sagradas Escrituras continuam a ser, até hoje, o livro mais lido do mundo? E que se compreende a dificuldade do socialismo democrático, nascido XXIII. XIX, quando o Dr. Edmundo das edificações do "Contrato Social" de Rousseau? E, nos séculos XIX e XX, a difusão do espírito socialista como hode ser compreendida pelo estudo das edições de Marx e dos sacrifícios do movimento socialista, na Alemanha e por todo o mundo de hoje, tanto certa, como dados positivos, o intelectualizado atual do nazismo, em toda parte?

Na sf., portanto, algumas considerações que nos permitem concluir pela confirmação do que a Diretoria afirmava. A literatura é, então, o reflexo da realidade. Essa pode fornecer dados muito interessantes, tanto para o trabalho dos autores, como para o trabalho dos críticos e historiadores. Se o elemento formal da literatura escapa naturalmente a todo o estatístico, pois se desenvolve no domínio puramente individual e do invençional, — há, todavia, uma parte da atividade literária que completa a primeira, e que é o elemento numérico e comparativo. Esse elemento desempenhou, é dito, um papel ponderável tanto na erudição como na avaliação das obras de literatura. E por si se estabeleceram as relações de afinidade complementar entre essas

Ela o *hara-kiri* de João Ribeiro, tal como o andamos surpreendidos nas colunas perdidas dos seus velhos artigos de jornais...

FALA JOÃO RIBEIRO

A propósito de poeta. — Um aventureiro escrevendo Prudente de Moraes Neto a meu respeito, entre as palavras amávivas que de costume sempre me comunica, disse que eu era várias coisas, e entre elas que eu era *várias coisas*, e entre elas que eu era *poeta*.

Mas injunsei em nota:

Seu lhe viu as provas do genial artigo, retrucar-lhe-a com sincerdade:

Tire daí esse máu, e ponha

Pessoal. E o que é?

(Estado de S. Paulo, 12-11-1927).

Ainda o poeta. — Em verdade é verso e só me arrependo de se haver feito mediocres e pásseiros. O meu tempo na poesia era o de Raimundo, Alberto, Blas e Augusto de Lima; um só deles é sótozinho mais quatro, bastava para me deixar na sombra inócuas dos jornais velhos e das páginas literárias. Todavia, ao colega obscuro Alberto ofereceu o soneto *Sirix e Haimundo o Vespa*, antes de meus amigos que foram... — O livro não está engotado e ao que parece é inesgotável. (Jornal do Brasil, 11-5-1926).

Outra vez o poeta. — Quando freqüentava as aulas do liceu da minha terra, esboçei um poema — *Prameteus* — de que logo publiquei uma mal engraçada autógrafo num jornal. — O professor Diniz, meu velho mestre de latim, que pertencia na mesma folha uns versos sacrificados, recebeu a mostra com um epígrafe intitulado *Prometeus mas não cumpriu*. Foi o primeiro a rir-me, um pouco corrido da minha nescia fatuidade... (Estado de S. Paulo, 20-7-1927).

Sobre sua curiosidade. — Sou um bom intérprete para os curiosos, porque também o sou, não podendo ser mais. — A minha exagero é, em todas as coisas, simplista e superficial. As profundidades causam-me estranhas vertigens. (Estado de S. Paulo, 17-12-1927).

Sobre as CURIOSIDADES VERBAIS. — As *Curiósidades Verbais*, obra de amador, esperam muito pouco de simpatia pública. — Não é obra científica nem literária; pertence ao número daquele gênero misto de recreações falangistas.

(Estado de S. Paulo, 26-12-1920).

duas atividades aparentemente contraditórias:

A beleza e o número não se contradizem. São ambos reflexos da Deus na natureza, que não é um caso a si só. Os poetas brasileiros na estatística do imponderável. E, de outro lado, não só uma poesia intensa e por vezes dramática no jogo das estatísticas, mas, ainda, quem sabe, não só mais talvez os estatísticos da poesia que os ignoram...

— E depois é mais um livro! Mal um livro para mim que escrevi tanto, e todavia não escrevi nenhum.

(Jornal do Brasil, 14-12-1927).

Sobre o Folclore. — Como avale de generalização, talvez aproveite a alguns folcloristas, que em geral colligem documentos abundantes, mas ignoram o sentido histórico e comparativo do material recolhido. — O livro está bem longe de esgotar a matéria e nem sequer a totalidade de spontâneos, imperfeitos, sinal apenas que é razoável, ou é possível fazer.

(*O Imparcial* — 1929).

Seus livros. — Ha, em verdade vários livros da minha lavra que se acham engotados e, portanto, quase fora de circulação, apenas acessíveis para os que frequentam os antiquários... São, em grande parte, livros didáticos ou de informação, mal necessário, de extrato assegurado, e apetecida dos editores. Quanto à literatura propriamente dita, nada, tenho que mereça os cuidados de vulgarização imediata. Os meus versos já não são lidos felizmente para mim; e a minha prosa, vagamente legível, dissipa-se nas folhas efêmeras do jornalismo. Se quisesse reunir tão numerosos fragmentos, acho que eu aplicasse escolha severa, teria eu matéria para uma dúzia de volumes intrigantes e superfluos. Mas não penso nessa calamidade.

(Estado de S. Paulo, 28-12-1920).

O professor. — A atividade única de que não me arrependo foi a de ter ensinado algumas verdades triviais a milhares de inteligências juvenis, todas elas fiéis a mim, no velho mestre.

E gosto immoderadamente de admirações desconexas e humildes, grandes ou pequenas, de operários e de doutores.

Stevenson reduma as profissões decentes a quatro apenas: a de pastor, a de mestre-escola, a de lavrador e a de marinheiro.

Sinto-me satisfeito nessa distribuição, pois que me dá a ideia de que não fui inteiramente inútil.

Vivo (e se é de mim, vivo) ainda, trabalho, e estou preparado para a longa jornada, em que não adretamente, embora ou meus aforos sejam levas e vacas.

E quem sabe se não irei em aeronave? A eternidade provavelmente já chegou a esse progresso sub-lunar...

(Estado de S. Paulo, 26-12-1920).

Haplologia

Quando numa palavra, ocorrem contíguas duas sílabas iguais, ou que contêm elementos iguais, pode uma delas desaparecer. A esta simplificação dá-se o nome de haplogia.

A cada instante dizemos Canindé em lugar de Candindé, diminutivo de Cândida. As duas sílabas dão simplificação ao nome, ou, somenhantemente dísemos: seminima (semínima) e em italiano: bondoso em vez de bondadino, que, também, existe na língua, e assim valioso, sando, cujas formas regulares teriam validades e vantagens, as quais não se mani. De empregar não raro são os adjetivos enladrado e cedioso, este reduzido por haplogia, devendo notar-se que entre elas pode haver diferença de sentido.

Facil hora apresentar exemplos em português, e também em outras línguas, mas que ficam didos, bastam a caracterizar o fenômeno.

"Do verme à aveuri, e da bonina,
Que rasteja, à espedisseia magoial".
(pag. 450 da ed. de 1929).

Não sucede haplogia só no corpo da palavra. Ela pode verificar-se no encontro da sílaba final de um vocabulo com a sílaba inicial do vocabulo seguinte. Tem-se então o que se chama haplogia sintática.

Não esqueçam exemplos tanto em autores antigos como modernos. Citaremos alguns.

Na Castro, de Antônio Ferreira, vr. 888-887, 34-35:

"... Antes Deus quer.
Que se perde um mui, que um bom padre..."

O que, grifado, é uma redução de que que, pois a construção normal seria: "Antes Deus quer se se perde um mui que que um bom borgo de dego", na qual o primeiro que que está assimilado é conjunção, e o segundo conjunção integrante.

Em Bernandes, Nova Friburgo, II, 1206, pag. 181, encontramos a seguinte:

"Entre vários embaixadores, que vieram dar obediência a milho Pontífice, veio por parte da República de Sena um Bartolomeu Scino, famoso jurisconsulto, e orador. Chegado porém aos pés do Papa, abronavado com a majestade, e pompa eclesiásticas que via, esqueceu-se a oração preventiva, e affligindo-se lhe varreu de todo."

O se em itálico, está, em consequência de haplogia sintática, em lugar de se se, o primeiro pertencente ao gerúndio affligido, e o segundo ao pretérito varreu: "e affligindo-se, se lhe varreu de todo", isto é, "e affligindo-se ele, ele se lhe varreu de todo".

O que desejo salientar no presente trabalho é que às vezes a chave da exata interpretação de um texto está num caso de haplogia sintática. Para comprovação menciono o poema, que transcrevo abaixo, do Auto de Alma, de Gil Vicente (vr. 313-323).

"Idi à santa casinha,
Tornemoi sua alma em si
porque mereça
de chegar onde caminha
e se destino
pois que Deus a trouxe aqui
não perca."

Ninguém, que eu saiba, explicou satisfatoriamente o verso 32: "e se destino". Eu acho-o perfeito sentido se admitirmos que o eu está em consequência de haplogia, em vez de se se. Tornemoi é, se ve-se, de destino, pois que Deus a trouxe aqui, não perca".

As palavras daquelas versões são dirigidas pela Igreja aos seus quatro doutores, Tomás Jerônimo, Ambrosio e Agostinho, a propósito da Alma, que tendo cedido às tentações do Diabo, arrepende-se e, contrito, procura a Igreja para regenerar-se. A Igreja ordena aos seus doutores que vio lhevar a Santa Casinha ou manjares com que não-de confortar a Alma para que ela, que se havia destruído, possa continuar no bom caminho e encontro meraç chegar à glória, seu destino.

Mas detinham-se a Alma?" onde? No caminho dos pecadores, como se dizia na Alma I. v.1:

"Hom-aventurado e homem que não se deixou levar pelo senho-
selo dos impérios, e que não se deixou no caminho dos pecadores,
e que não se sentou na cadeira pestilencial."

No auto de Gil Vicente, a Alma vai, como se diria no Argumento, ruminando para a eterna morada de Deus; e nos versos 34-35 o Auto encarregado de guardá-la e dirigí-la assim: Ne fala:

"Alma bem-aventurada,
dos anjos tanto querida,
não durmam;
no sono não esteje parada,
que o Jornal é
muito breve e festejada,
se aliena."

Salienta-se que, dada a brevidade da nossa vida terrena, e a inexistência do dia e da hora em que ela cessa para cada um de nós, é necessário não paramos, mas nem dormirmos, um só instante em coisa que não interessa à eterna utração.

Nessa ordem de idéias é que no v. 187 a Alma reprende o Diabo com estas palavras:

"Não me detinhas aqui,
deixa-me ir, que em si me fundo."

E no v. 189, vendo o Anjo que a Alma já conseguiu a sua liberdade, incita-a desde modo:

"Oh audaz! quem vos deidam?
Como vindes para a glória
de vagar!"

A prórica linguagem do Anjo da Alma corrobora, cada, a interpretação proposta, que, em resumo, é a seguinte:

"Idi à santa casinha,
Tornemoi sua alma em si
para que mereça
de chegar ao seu destino — a glória;
e se não se detinha no mau caminho,
pois que Deus a trouxe aqui
não perca."

Adverte-se que a haplogia, bem como alguns outros fenômenos de língua, se manifesta aqui e ali, como simples possibilidade, historicamente atestada, e não como resultado necessário de uma tendência geral, de uso lar.

Por isso, não é de estranhar que, nesse mesmo Auto da Alma (vr. 855-856), apareçam lado a lado, sem redução haplográfica, os monossilabos se se, o príncipe conjuncional e o segundo pronome, exatamente como na constituição plena resultada "se se detinha".

"Se se podesse dizer,
se se podesse rezar
a Santa Virg...
se se podesse fazeer
podermos ver
qual estavam ao clavar
do Redentor!"

Num lugar do texto ocorreu haplogia; nos outros não, embora a haplogia fosse possível.

Assim temo explicitado o verso de Gil Vicente nos meus cursos universitários de literatura e sobreto no ano passado (1930), em que comentava o Auto da Alma na Faculdade Nacional de Filosofia.

Não só a haplogia, outros fenômenos de fonética sintática trouxeram-lhe a inteligência de passagens difíceis.

Occupar-me-ei deles noutra ocasião.

SOUSA DA SILVEIRA

NOITADA

Conto de TRISTAO DA CUNHA



É esta a verdadeira história do desembargador Peleu, que teve grandes surpresas.

Chamava-se Peleu de Jesus, era discreto e de boa casa. Amanha a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, a saber: pouco, pois, anfônico e pessimista, era lepido em tudo. Duma bondade circular, andinha a passiva, incapaz dos riscos, as vezes cruela, da condade ativa, tolhido pelo receio de fazer mal, viva de abstenções. Padecia muito de escrúpulos. O longo ofício de julgar ensinava-lhe a não julgar, mostrando-lhe a irresponsabilidade do homem, servo das convenções ou dos próprios instintos. Eis porque, atingido o termo legal, aposentou-se, para não ter de condenar mal ninguém.

De uma suade intacta, andava permanentemente perseguido pelo receio de a perder. Refletia que o seu não daria sem tomar. Parecia-lhe que esta auséncia de males implicava a ameaçaalgum mal temerioso e vago. E assim a sua robustez era o seu tormento. Chegou a desejar algum incômodo ligeiro, propondo mentalmente combinações aos fados: um pequeno kistro sebáceo, uma bronquite crônica e reponda, qualquer impostação que o trouxesse quieto por esse lado. Chegou a invejar ao desembargador Pedro um defeito desastroso, de que falava às vezes discretamente.

Meu bom e excelente amigo, este insignificante sofrimento físico, com que a Providência o visita, é sinal de favor. E' de algum modo o preço da saude. Esta paga a sua taxa, e é modica. Não corre o meu prezzado colega o risco de uma cobrança maior como eu. Tem um cuidado definido e limitado e não vive na ansiedade de cuidados inseriores, que não tem número.

Pela pressão colega, tornava o outro trôncico + cortes, si lhe apetece, faço-lhe presente desta preciosidade, que não me dá poucas canseiras.

E estimulado com o assunto, confessou que certa vez fôra onde não devia ir, mas aparecer a um rapazão esportivo + burro, o qual quebrava a louça e o expunha a muitos vexames, afugentando-o da visita tristada.

Disendo estas e outras coisas, impróprias de sua idade, como só acontecer quando velhos abandonaram matéria defesa, vieram a concordar que neste mundo, si a repartição dos bens foi mal feita, a dos males também não foi bem pescada. E o desembargador Pedro aconselhou ao prezzado colega que abandonasse ambigüez nesse terreno, pois sempre o mal engendra o mal, e a geração inquieta não tem fim.

O duende nosológico não largava o desembargador Peleu. Mostrava-lhe todas as possibilidades das epidemias, os casos que entravam subrepentinamente e, se vão encravar nalgum epítetô essencial, dosagens funestas de farmácia e de cozinhas e eterna disputa sobre as escolas médicas.

Como não se pertencia a si mesmo e sim a um vago complexo de obediência nunca examinado, seu virtuoso automatismo ignorou sempre a revolta e a luta, as grandes paixões e as grandes idéias.

Estudou por inércia, por inércia despojou uma parenta, só sabor de conveniências de família. Mas não conheceu nunca a voluptuária alegria corporal. Do corpo soube só os encargos, particularmente áridos no seu caso, pois a espessa era potre de dores físicas. E logo ficou vivo, sem prole. Devido ento couroço de panos de dô, morou na solidão. Seus raros deslizes, todos ancilares e judiciale-

samente estacionados, deixaram-lhe apenas decepções. E desolado, sem desgosto preciso, incolor na alma como na roupa, ia arrastando pelas ruas a sua polides triste e seu frágil vitalício, o seu guarda-chuva desenvolvido, a sua gravata de elástico. Se topava conhecido, sem parar, apartava-lhe a mão, inquiria da família, depois, já de costas para o outro, solteira o chapéu moleque dentro da cossa, dedo minino estapeado no ar, e saudava gravemente o espaço.

Enquanto trabalhava, ofício público de paga excessiva + lazer pouco, fora adiando o seu sonho. Que só o Givera, secreto, é rico, e ainda alguma vez era visitado por ele. Mas já agora sabia que o não vivera mais. E recatadamente nunca disse. Os outros cuidavam que ele era o que mostrava.

Esse desejo central e imperioso forte o de se tornar um historiador poeta, um novo Michelet. Datava de longos anos a tentativa. Observava que convém antes de tutto formar o espírito e preparar os utensílios, cercou-se de livros + leu bons autores. Frequentou Mécicos e gramáticos. Penetrou nos segredos do Estilo e da Retórica. Verificou que há vários estilos desde o sublime até ao familiar. Não suspeava que o sublime ao ridículo há um breve passo, ao que mostram passagens infâmias, tiradas de Cornelio... Inteirou-se de Tmesis, da Chrise e da Catacrese. Item do Chissma e do Anacolutha. Exercitava-se pontualmente a horas certas. Não deixava dia sem linha, como foi recomendado. E a cabo de tanta diligência descobriu que nunca saberia escrever.

Compreendeu que, havendo renunciado à prole natural, teria de vir fugir-lhe também a espiritual. E calou em grande melancolia. Nela veio encontrá-lo o homem que a atração dos contrários destinava para seu melhor amigo, o comandador Rebouças, da firma

Bougas e Rebouças, cujos feitos mercantil e cívicos o tinham promovido aquela Gotha dos Secos e Molhados, cuidadosamente recrutado por Sua Magestade Fidelíssima, e que prosperava paralelamente aos sóbrios filhos de D. Pedro II.

Gastrônomo, "popólico", de uma sexualidade elementar, era capaz de simpatias ruidosas, e o mestre do desembargador, nos seus dias mais vrios, acabando por conquistar-lhe certa intimidade, nascida do tédio, do abandono, da nativa passividade sentimental da gratidão, e um pouco de uma obscura admiração por suas façanhas específicas, excedentes a capacidade do velho magistrado. Seriam ambo peças complementares no misterioso jogo da vida.

Com o fito de distrair o amigo, quis logo o comendador mobilizar os únicos recursos que supunha adequados. Projeto levá-lo às revistas, aos cabarés, aos passeios nocturnos com mulheres. Mas percebeu que não devia atropelar uma sensibilidade que sentia diferente da sua, e de qualidade respeitável. Contentou-se em conduzi-lo aos estios de sítométra equivoca, onde a licenciosidade aparecia amavelmente mascarada. Mais de uma vez tentou induzi-lo a ir jantar em companhia da própria mulher adveniente. Ao que o desembargador reagiu com urbanidade.

Um dia sucederam grandes coisas. Foi sábado entre os intervalos que o comendador subornava a chama de Venus de Clenfuego, e passava a viver com ela. Esta senhora incluía-se progenie clandestina do capitão-general Don Gaudencio Topet e Bastiola + batava n'a num palco, levando longa aos moços, comoção aos velhos e anima às famílias. Arrebatou vários divórcios, "a mensa e o toro" (permittidos pelo Código Civil). Por sua causa alguns menores românticos descriam da vida + bôam desinfantis.

A unido prolongou-se. Apasiguada, a dançaria folhava mostrando fiel ao comendador, ou por sentimento, ou por cálculo, ou talvez simplesmente porque a fidelidade estava nela. Instalaram-na numa situação semi-conjugal. Para os maiores continuou a dançar, mas não a amar.

A relativa regularidade da noite ligação, não menos de uma terrível curiosidade, aplacava um tanto os encrúpulos do desembargador, o qual, depois de muito instado pelo amigo, anuiu em ir a casa furiosa.

Na data prefixa, em camarrão resguardado, assistiu palpitante à exibição da Venus de Clenfuego, sob a furiosa agitação que provocava no teatro superlotado. Ante a aparição embriagadora seus velhos ossos doeram de desejo. Mas o ambiente mercenário, pornografia, a obscenidade do público, engrangaram-lhe a preibiada contemplação estética. Refugiou-se na esperança de que possivelmente a artista na intimidade dariá aos seus esculpidos uma repetição homenageada.

Ao sair, muito perturbado pela visão afrodisíaca, teve uma ideia corte e galante. Adquiriu uma flor para oferecer à dançaria. Em seguida, por entre o turbilhão dos rotâbulos, tremendo de ser reconhecido, lá se foi ao encontro na Lapa.

Mais de uma vez cateve para renunciar, tal os suspiros da juventude. Mas aqui valeu-lhe a sua perfeita civilidade. Tinha prometido, sabia que o esperavam, havia de ir. Continuou resoluto, e um tanto melancólico.

Pelo caminho cruzou bandos de grises risinhos e loquazes, que o provocavam, e ele, intratável na sua virtude, afirmava como sempre ouviria afirmar:

— São uns infelizes.

Quando, com infinitas cautelas, a guisa de rôo fagindo no cliamo público, logrou meter tremulamente a chave que o comendador lhe confiou, esgueirar-se e fechar de novo a porta, parou para contemplar o coração e receber o fôlego. Esteve algum tempo antes de poder subir para o aposento, no primeiro andar onde o outro o recebeu cordialmente, apresentando-o à estrela, a quem chamava apenas Soledad.

O visitante, intimidado, gaguejou mal se desconcertou quanto percebeu a intimidação da mulher, tão grande quanto a dele. Estendeu-lhe o ramalhete, que ela recebeu, balbuciando:

— Muy amable! Muy amable! E nem achava que dizer. Porém, o comendador abriu-se-lhe afetuosamente, trouxe-lhe tacachela, forceu o caro amigo a beber um trago. Envolto, a Soleidad, alegrando não sem fraude, forte resfriado ("um gran constipado", pronunciava), vestiu-se herméticamente, desbaratando os projetos redondos do convidado. Foram cair. O desembargador

caia de surpresa em surpresa. De pais de confusão inicial da estrela, houve encontros não menos inverossímiles. Comendo, com modos maculados, a Venus de Clenfuego, esquecida do hospede, discutiu, rançorosamente com o outro, complicada questão judicial, oriunda de interpretação do seu contrato profissional, insistindo em prometer sanções físicas ao empresário, e em sustentar que o direito não podia ser o que lhe diziam.

O visitante, atordoado, mal conseguia crer na realidade. Viu como quem busca, meio penitente, pondo a alma em risco, o reino da Serpente, um país de pecado e goso, cheio de atrações malas e perigosas. E achava-se nun círculo pequeno-burguês, entre moças sem caráter, e espíritos apagados aos moveis.

Terminada a ceia, e posto que muita mortificação, achou que seria igualmente mau logo. Ao demais, enviam-se os ruidos descompõstos de fora, e parecia-lhe que nunca ouvaria afrontar aquela noite impudica.

Tornando a sala, a Soleidad

tentou a manipular as cartas de jogo, para informar-se da sorte do seu litígio, enquanto o comendador, super-alimentado, dormitava, e o desembargador folheava as revistas. Logo que aquele despertou, disse ao amigo, com riso sagaz:

— Nos estamos cansados, e vamos-nos a dormir. Mas a rainha é tua.

Se quer esperar o fim da descerdem, continue a ler as suas revistas.

Quando sair, é só apagar a luz e bater a porta de baixo.

— Mas só quando quiser. E aqui não há segredos. Pode olhar, ler, e até ouvir tudo.

O desembargador despediu-se, agradecendo a hospitalidade e foi descendo a passos medidos enquanto os outros desapareciam.

Mas, ao entrarbrir a porta da sua

multa gente e gente desbragada,

Valendo-se da oferta do hospede,

remontou pé ante pele, acendeu a lampada discreta e desapareceu a aguardar a bananada.

Vistos os magazines, quis ler.

Encontrou "La Terre de Zola, Abril o volume no acaso, sobre a mania escatológica do autor, e seu grotesco anti-clericalismo, revoltaram-no. Não podendo dormir, delibera evocar casos antigos, seu exercício favorito. Mas o rôo da memória, perverso e impuro, deixava submersos os diabrilantes, e restituía apenas escrínios. Momentos de harmonia altos, desaparecidas no abismo do olvido, deixavam caminho à tensão, à banalidade. A inutilidade. Mercê destas seleções invertidas, as fantomas verbais do seu passado, longe de sua carreira social apagada, invadiram-lhe o campo da visão interior.

"As costumas disses nada... E mais não disse nem lhe foi perguntado... Por estes motivos, e o mais que dos autos consta, abriu Mirabeau Praxedes da Vilação, vulgo Cal Nagus (Cal Nagus por quê?) de acusação que lhe é feita, e mando que a seu favor se expeça alvará de soltura, se por ai não estiver preso... se por ai não estiver preso... precaução necessária pois nem sempre o infrator se contenta de um só atentado)... A Vossa Exceléncia, Sr. Dr. Mendes Bianco, Juiz Substituto da comarca de Itabira de Mate Dentro, Iago saber que por este Juiz e Cartório se processam uns autos (dantes clamava-se deles bons autos...) E em Vossa Exceléncia assim cumprido e fazendo cumprir fará justiça às partes, serviço à República, e a mim mereço que outro tanto faça, sendo deprecadado. (Excelente uso: devemos cortesia a todos, mesmo mais novos e subordinados...) Dado e passado nesta Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, Capital Federal da República dos Estados Unidos do Brasil, ao primeiro dia do mês de Junho do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e novecentos. (Alguns jacobinos pretendem que as datas por extenso beneficiam só aos escritórios).

Sem dúvida, por influência dos acontecimentos da noite, que produziram grandes terremotos na sua consciência de abstêmio, exhumando e exasperando os vêtemos de impulsos recalados, o que mais o perseguiam eram remissões das Ordenações do Reino, com a sua implacável castiça sexual: "Dos barreguinhos casados e suas barreiras", a todos combinada a pena pecuniária de três mil réis. Ao "homem que entra em Mosteiro e tira freya" guardava degrado perpetuo para o Brasil. Igual castigo para "o que dormir com sua filha". Sempre achava exequido reverenciá-la em vez de lhe.

Os que praticavam pecados nefandos seriam "felizes por fogo em pão". Depois de outras dispositivos: "Que não

(Conclui na página 16)

Notícias literárias

NOTAS DO TEMPO

1 O sr. Gilberto Freire anuncia para breve diversas edições dos seus livros. E assim que na "Coleção Documentos Brasileiros", da Livraria José Olímpio, tem ele anunciado: "Casa Grande e Senzala", em edição definitiva; "Ordem e Progresso"; "Sociologia"; "Perfil de Euclides e outros perfis"; "Pessoas, coisas e imagens"; "Guia prático, histórico e sentimental da cidade de Olinda", 2.ª edição; "Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife". Também se anuncia o brilhante escritor o aparecimento de mais dois livros — "Aventura e Rotina" e "Um Brasileiro na Espanha".

2 A Coleção Documentos Brasileiros está em vésperas de fazer aparecer a História da Literatura Brasileira, de Silvio Romero. Será a terceira edição do livro, organizada agora por Nelson Romero. A obra surgirá em quatro volumes, sendo que o último será a reunião de vários artigos publicados em épocas e lugares variados, e que o grande crítico parecia já destinar a formar um todo com o seu monumental trabalho anterior.

3 José Monteiro, o autor de "Janelas Fechadas", que tanto tem dado que fazer aos leitores, pois tem sido apontado ora como um romancista nobilitíssimo, e ora como um contador de histórias sem maior mérito, anuncia o aparecimento de mais três livros. São dois romances — "Sobrado" cenas da vida burguesa, e "Cidade Iluminada" cenas da vida literária; e um ensaio de crítica e biografia sobre Aluísio Azevedo.

4 Alvaro Lins, o brilhante crítico de Eça de Queiroz, que triunfante assumiu, há cerca de um ano, a coluna de crítica do Correio da Manhã, vai publicar em volume os seus ensaios semanalmente aparecidos naquela folha. A Livraria José Olímpio fará essas edições, que anualmente encerrará os trabalhos do eruditíssimo literário. Também Alvaro Lins está preparando um livro sobre o Barão do Rio Branco, que, a julgar do plano traçado, será um monumento erguido à grande memória daquele homem de Estado e diplomata brasileiro.

5 Aluísio Naciédo, que acaba de dar aos estudiosos da história do Brasil um lindo volume com o título de "O Segundo Rio Branco", "O homem e o estadista", promete levar a diante os seus trabalhos acerca de tão singular figura. Está agora preparando um volume, intitulado "As missões, o Amapá e o Acre".

6 A Companhia Editora Nacional, na sua coleção Brasiliense, anuncia as seguintes próximas publicações: Augusto de Saint-Hilaire — "Viagem pelo Distrito dos Diámanes e Litoral do Brasil" em dois tomos, tradução de Leonan de Almeida Pena, e padre Antônio Colbachini — Os Bororós Orientais (Oratório). Contribuído da Missão Salesiana de Mato Grosso para o Estudo da Etnologia Brasileira; Aníbal Matos — A raça da Lagoa Santa, edição ilustrada; Sampaio Correia — Rumes de Trombetas, em dois tomos; Euzebio de Castro — Ensaio de Geografia Linguística, 2.ª edição; Carlos Rubens — Pequena História das Artes Plásticas no Brasil.

PENSOU nos títulos dos contos e romances de hoje: "Bela me abriu a porta", "Boa noite, Rosa", "Olha para o céu, Frederico!", Tendência para o cartas, justificável em face das condições da vida moderna, que tem pressa e sugere pouco. Títulos clássicos, como "A filha do capitão", de Fuchikin, já não seduzem o escritor nem atraem o público. Entretanto, é para cima que val a minha simpatia, já que a minha curiosidade se detém nos outros. Para esses títulos ("A abadessa de Castro", "As minas da prata", "O cortiço"), que apenas nos informam de condição de um personagem ou do ambiente em que a história se desenvolve, mas que deixam o leitor perfeitamente livre de imaginar todas as possibilidades para depois conferi-las com o texto. Títulos secos, de uma banalidade voluntária: existentes; a dizer indiferentes, se não percebessem nela a reserva e a solidão discrete dos velhos criados, que em silêncio nos escovam o palete, nos servem a mesa, sentimos que são solidários conosco, sem necessidade de qualquer manifestação oral.

Penso no título do romance de Yan de Almeida Prado, "Os três sargentos", que me agrada muito; e verifico que lá não tenho vinte anos.

Sim, deve ser o tempo. A medida que envelheço, vou me desfazendo dos adjetivos. Chego a crer que tudo se pode dizer sem elos, nenhuns talvez do que com eles. Por que "noite gelada", "noite solitária", "profunda noite"? Basta "a noite". O frio, a solidão, a profundidade da noite estão latentes no leitor, prestes a envolvê-lo, a simples provocação dessa palavra noite.

O equívoco entre poesia e povo já é demaisadamente sabido para que valha a pena insistir nela. Denunciamos antes o equívoco entre poesia e poetas. A poesia não se "dá", é hermética ou inhumana, quando se diz por ai. ora, eu creio que os poetas poderiam demonstrar o contrário ao público. De que maneira? Abandonando a ideia de que poesia é evasão. E acilando alegremente a ideia de que poesia é participação. Não basta dizer que já não há torres de marfim; a torre de marfim desmoronou-se pelo ridículo, porém muitos poetas continuam vendo na poesia um instrumento de fuga da realidade ou de correção de que essa realidade ofereça de monstruoso e de errado. Desenvolvendo-se ruiu entre eles a linguagem clara, que nenhum leigo entende a que suscita o equívoco já celebre entre poesia e povo.

Participação na vida, identificação com os ideais do tempo, os essenciais existem sempre, mesmo sob as mais sordidas aparências de composição, curiosidade e interesse pelos outros homens, apetite sempre renovado em face das coisas, desconfiança da própria e excessiva riqueza interior, eis aí algumas indicações que permitirão talvez ao poeta deixar de ser um bicho exquisito para voltar a ser, simplesmente, poeta deixar de ser um bicho exquisito para voltar a ser, simplesmente,

André Maurois conta que na casa dos pais de Tourgueniev, em Spasskoye, se manipulava tudo o que era necessário à vida da família. A casa era fábrica e celeiro. Como não lembrar a velha casa mineira, que descedeu, em que minha bisavó instalara oficinas e serviços diversos, e na qual se preparava tudo que se fazia misto para a vida no interior mineiro, vida surpreendentemente simples mas na verdade cheia das exigências da classe social em que minha família se integrava? Se os gêneros alimentícios vinham da fazenda próxima, o pão, o doce, o charpe, o sapato, a roupa eram fabricados ali mesmo, sózinhos, os olhos vigilantes de d. Joana, por uma multidão de escravos especializados nos diferentes ofícios. Do buleto dessa casa cheia de trabalhadores pretos e mulatos já não chega mais aos meus ouvidos nenhum sózinho, nem nenhum murmurio de queixa ou revolta. Apenas o barulho das mãos, o refrão das ordens. Tudo o mais ficou longe, ficou em Spasskoye como no passado ministro...

O gênero "literatura infantil" tem, a meu ver, existência duvidosa.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

A' MARGEM DOS "PAISES INEXISTENTES"

O descobridor tracou com o maior carinho o perfil do grande oceano não assinalado nas geografias. Meteu uma sonda empregada por um princípio até o dorso denudado das peles mais profundas que haviam açoado os oceanógrafos saber, abriu um túnel pelo centro da terra, comunicando antípodas com antípodas. Escapando à perseguição de monstros marinhos, disseram que conchas tinham mergulhado com um folego tão seguro perjurando as vagas, que, não reconhecendo mares fechados nem privativos de nenhuma engrenagem, surgiram em determinados países inexistentes. A verdade é que estes mergulhadores tinham antes bicho à flor das águas, no começo dos mares, o sopro que desde o inicio pairava sobre as ondas.

Porque países inexistentes só os poetas podem descobrir; e se Mário Leôncio não noticia destes países, é porque necessariamente ele constrói seu barco, e nas redobras como o barco de um poeta se insere corpora de falso madeiro ao seu corpo e ao seu sangue que tudo se transforma por uma alquimia divina em madrepérola de concha flutuante. Por vezes parece um veleiro, realmente um barco cujo arcoabóbano interno e o poeta mesmo. O trabalho de construção e que foi um prodigo de inferiorização para separar de suas células a carapaça da defesa e de violamento. Não bem isolamento; pois pede que os tentáculos e as entinas sondam a extensão infinita do oceano. E reparar bem, o naturalista, que todas estas preocupações, este afan de construir sua expedição resulta em ser concha, em se grigar, em edificar um arrifete flutuante que o vento impulsiona no mar chão, boiando leve como um barco encantado.

Então vamos preparar os gritos de abordagem!

Aí mal é uma viagem fora do mundo! Não, tudo é aqui mesmo, mas tudo é visto com uma outra dimensão. Enxergam-se águas desaparecidas e as praias que cobrirão os desertos daqui a cem anos. Um dia Henri Michaux realizará sua viagem "En Grand Carabagne" e verificará que o homem capaz de conceuir uma experiência poética, ha-de chegar, alogado ou flutuante, ha-de chegar, ha-de chegar.

O destino poético de Mário Leôncio era para se esperar mais hoje mais amanhã. Ainda em 1927, quando perigoso a consolidação do modernismo, as suas palavras de acolhida e compreensão da poesia saudaram os poetas que surgiu diferentes das outras gerações. Ainda membro de um longo artigo com que saudava um caderno de poemas que a editora "Casa Tripeiro" de Maciá Vie encadava. Neste momento, é grato ao poeta criticado em 1927 se encontrar no rebolo da mesma espiral com o poeta que sempre existiu dentro do critico. Para se atingirem os países inexistentes, devem-se nos caminhos as flores dos Vents, pois no próprio voo e que está a regra. Podem cortar todos os

flavávera música infantil? pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagem ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado à criança, desde que vazado em linguagem simples e uso de matéria de encadado? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconcebida se desfaz. Será a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte? Ou será a literatura infantil algo de matulado, de reduzido, de devitalizado — pobre coisa primária, fabricada na paixão de que a limitação da infância é a própria infância? Vem-me à lembrança as miniaturas de árvores, com que se diverte o sadismo botânico dos jardineiros; não são organismos naturais e plenos, são anões vegetais. A redução do homem, que a literatura infantil implica, dá produtos asemelhantes. Há uma tristeza cómica no espetáculo desses cavalheiros amáveis e dessas senhoras não menos gentis, que, em visita a amigos, se detêm a conversar com as crianças de colo, estas inocentes e graves, dispendendo-lhes toda sorte de frases em linguagem infantil, que vem a ser a mesma linguagem de gente grande, apenas deformada no final das palavras e adulterada na pronúncia... Essas pessoas falam oralmente e sem o saber, literatura infantil.

Morte de E. B. G. Não era meu amigo, mas conheci-lo bastou para que a notícia, dada pelo rádio, me comovesse. Indo para o trabalho, passei na casa de saúde onde estava o corpo. E uma casa de saúde onde morrem muitos doentes — ou que nos dá a impressão disso. Não conhecendo ninguém da família, pedi a umas moças, paradas no jardim, que me guiassem. No necrotério, entre algumas corôas, o caixão pobre e o morro de rosas velado. Soube logo que a morte resultaria de atropelamento por automóvel. Vendo E. morrer gradativamente, das vezas em que me procurava, a notícia surpreendeu-me. Como se a morte por atropelamento não estivesse certa. "Foi um carro oficial", suspiraram uns das senhoras presentes, e essa revelação me deixou gasto, como se o fato de também eu utilizar-me de carro oficial e tê-lo parado ali no jardim fizesse cair sobre meus ombros a responsabilidade do desastre.

O corpo estava vestido de preto; creio que envolto numa baca; sobre a baca do ventre, o capelo, preto e vermelho, tinta alguma colsa de grotesco. O mesmo grotesco que em vida caracterizava esse homem estranho, cor de cobre, cabelos brancos, rosto pequeno como cabeça de alfinete, sobre o abdômen imenso e de difícil transporte.

Vivia num mundo esvaido, o mundo de seu tio, o grande poeta B (anterior à primeira guerra mundial). Para o sobrinho, todos os contemporâneos eram necessariamente burros, exceto eu, de quem necessitava para manifestar-se, sabido que o monólogo diante do espelho não convola e cada um de nós é um pouco deputado à procura da Câmara. Tinha sempre o ar suspeito de quem viesse pedir-me dinheiro emprestado. Nunca pediu. Satisfazia-se com livros e magazinas — não ganhar esta ou aquela publicação oficial, que estivesse sendo distribuída. Empreendia vagos estudos históricos, tendentes à exaltação dos heróis e assumia um tom confidencial ao narrar-me as aquisições de obras raras, nos "sebos" da rua S. José.

Numa de suas últimas visitas, impressionou-me a cavidade entre o peito e o busto. A roupa cala em dobrões fróxas, despincando um abismo. Lá em baixo, o ventre se arredondava, como um tumor. Puxou o peito, para a frente, segurando-o pelo botão central e eu pude ver que entre o peito e a roupa havia apenas o vazio. Imaginava não sei quantos quilos depois de uma operação e devido a regime. As roupas, talhadas para o homem anterior, sobravam-lhe no corpo. Dava a impressão de que, do tronco para cima, estivesse vazio. Era espantoso, desse aspecto cotidiano que nos visita um minuto para depois perder-se no rio do dia. Muitas das pessoas com quem conversava no trabalho ou na rua parece não terem outra função além desta, de fotografar-nos a uma breve excursão pelo mistério, através do ridículo. Devemos amar tais criaturas.

carlos e apagar todos os faróis: o poeta vai direitinho para a sua estrela. Em 1927 o crítico descobria no poeta uma preferência milionária em 1941 o poeta encontra em seu companheiro de sempre esta presença surreal e indefinível que é o toque da grande poesia.

Nos "países inexistentes" há um poema que eu queria destacar:

Bem em quiser poder atribuir-lhe uma forma precisa, como essa forma perfeita, de que te revela em tua imagem entre os homens.

Bem em quiser poder descrever-te concretamente, como descreveria qualquer outra mulher, reduzindo a algumas palavras cada uma das tuas feições, cada um dos teus órgãos, cada um dos teus gestos.

Mas é difícil para isso é que não te atribuo nenhuma forma precisa. Vejo-te, antes, oscilante e difusa, num mundo de aspectos difusos e obscuros.

Es novo de ti, pedaço de nauem, onda susurrante do mar, trecho de água limpa de rio, é coisa imaterial, faz a ampliar na hora inaugural do dia, fimbria cor de rosa da alvorada, a sorris alem das montanhas e a do mar.

Como, então, atribuir-te uma forma precisa?

Sei que tens o corpo deslumbrante, talhado em linhas geométricas. Sei que o teu ventre, os teus seios, o teu flanco constituem claras lições vivas de harmonia e de perfeição.

Sei tudo isso, e sei outras coisas também, de teu corpo, e, sobretudo, de tua alma.

Sei, por exemplo, como é doce o balbucio dos teus longos dedos, nas horas em que o sonho desse rosas impalpáveis sobre a tua volúpia.

Mas, ainda assim, conhecendo-te e amando-te, não posso atribuir nenhuma forma precisa, oh! tu, que é imponderável como as distâncias sem remédio, remota e casta como a neblina que relata as estrelas e a noite.

Não há dúvida que estamos em frente a tragédia sentimental da face perdida. A procura desta face é das maiores angústias do poeta. Possivelmente essa face de Muse vem de longe, e por isso não lhe posso dizer.

Continua na página seguinte

(Continuação da pág. anterior)

devermos atribuir nenhuma forma precisa. Creio, por vezes, que será a face de Eva ou da Maria, ou da donzinha sobre cuja peito o apóstolo preferia quer mesmo repousar a cabeça aturdida durante a cesta das despedidas. Possivelmente, também podemos estar diante de uma simples memória familiar em que vem a genealogia de antigas madres: a Matilde, a Ana que engravidou a Virgem em náusea a jovem Isabel. Mas não podemos atribuir uma forma precisa nem saberemos ao certo o nome encantado na lingua enrolada dos padões de nascença ou pranário nos histeriogramas que os raios descrevem no dojo das grandes bocas. E preciso, porém, procurar a face desta nossa materna que nascce do próprio fluxo do poeta como o de Adão. E terrível que esta obsessão dos condiciona à existência futura do instinto.

Por isso é que o poeta carrega sempre um anorilho dos jardins vivos para o tempo, e por isso que ele representa sempre o papel de um justo hospede junto à massa composta dos homens egoístas que o rodeiam:

O viajante chegou, e com certeza pouco se vai demorar.
Não se sangrará com ele, portanto,
não o maltratar,
não blasfemar contra ele.
Deixe-lhe uma cesta de pão,
deixe-lhe uma faca de tijolo,
deixe-lhe uma cama, em que ele possa repousar das cancas
[os da longa viagem.]
A não se inquietar, não se irritar com ele.
A sua permanência é rápida, tão rápida!
Amanhã, com os primeiros alcares do sol,
ele terá partido para sempre, ah! para sempre!

* * *

Pedimos aos senhores do mundo que não se sanguem com o poeta. Ele chegou em companhia de todos. Mas, desde o primeiro dia, começaram a chama-lo de hospede. Realmente ele reclamou: "Pois bem, senhores, 'hospede' não é nome próprio, eu não me chamo 'hospede'". Entre tanto todos ficaram simpaticamente surpresos com a reclamação. O sujeito exquisito era hospede. Foi ai que ele pediu apenas que pelo menos não ralhassem com ele, nem se inquietassem com as suas infantis manias, que a sua permanência era rápida. Nenhum previsor mesmo que o enviassem ao registo de estrangeiros, nos primeiros níveis do sol, ele partisse para sempre, oh! para sempre!

Ité missa est! Hospedes e hospedeiros, indistintamente chegam e desaparecem.

Ontem, hoje, amanhã, três palavras continuam: Ité, missa est.

* * *

Este livro de Mário Leão sal em edição de duzentos e cinquenta exemplares para o comércio. Creio que mesmo dentro do comércio ninguém o compra. Hoje, a poesia é uma coisa de todo o mundo que precisa, mas ninguém quer comprar. Acabam-se amastros gringos.

Os editores recusam negócios com poetas. Mesmo o poeta pagando, não serve: a distribuidora dá trabalho, enfim não consegue, não interessa. Quando o poeta é muito bom e já se tornou um escândalo não publicar a sua obra tão cedo quanto a de qualquer romancista, muitas vezes (oh! muitas vezes!) que qualquer tradutor de novelas americanas ou francesas, o livro é castigado por subversivo. O pobre anjinho nascer morto, os pais são pobres: é natural que se corra a lata. Afinal, negócio é negócio.

* * *

O ano passado, por esse tempo, tivemos aqui — Henri Michaux. Durante toda a sua estadia no Brasil, quase todos os domingos estivemos juntos. Um dos assuntos de nossas conversas foi o da tragédia da poesia, nos dias presentes. Há de se registrar, evidentemente, que o poeta representa, no meio de tanto egoísmo e de tanta brutalidade, um Job, um ridículissimo Job, de quem os céus do mal não retirando todos os bens e no fim triunfam sobre a sua caroço. A história de Henri Michaux é assim:

Autrefois j'avais mon malheur. Les dieux mauvais me l'ont entend.

Mes de deuses maus disseram: "Em compensação, vamos dar-lhe qualquera coisa". Sim, é necessário que te demos qualquera coisa". No entanto o poeta não recebeu esta qualquera coisa e ficou quase contente. Entre tanto, os deuses lhe haviam roubado a felicidade refletida. E, como isto não bastasse, lhe deram uma varinha de dançador de corda. Ora, ele que realmente havia sofrido tantos tempos, ficou contente. A varinha era conhecida, não havia dito, mas não o apelava a pulsar. E como isto não bastasse, os deuses lhe arredaram o seu pobre martelo e outras ferramentas. O martelo foi substituído por um moinho leve e mais ordinário, e este por outro mais imprevisível: um moinho sucessivamente. E deste jeito, todos os seus ferramentas desapareceram uns após outros, até mesmo o moinho. Em seguida, os deuses lhe surprenderam os seus membros, algumas garras quebradas, um pincel-nas sem riadros. E como isto ainda não bastasse, tomaram a sua aguia. Esta aguia tinha o costume de se empoleirar numa velha árvore morta, muito poética. Ora, elas arrancaram a árvore velha para plantar árvores vivas e vigorosas. Aconteceu que a aguia não voltou mais. E os deuses maus lhe roubaram também outras mordedas; e, não contentes, lhe arrancaram todos os dentes. Depois deram um ovo para ele chocar.

JORGE DE LIMA

NOTAS

BIBLIOGRÁFICAS

A produzido literaria, no Brasil, é cada vez mais intensa. O critico de "Aureo e Livros", que deseja satisfazer, em seu rotativo, o maior número possível de autores, delibera criar, além de sua seção principal intitulada a "Vida dos Livros", uma outra marginal, sob o título de "Notas Bibliográficas".

Aqui, em pequenas notícias de vinte ou trinta linhas, irá dando cada vez mais livros interessantes que lhe chegarão ay mês, e do qual, por um motivo ou outro, não possa tratar mais alongadamente na seção principal.

De futuro, se tal for a exigência dos fatos, ainda criaremos outra seção, destinada ao mero registro bibliográfico dos livros que forem aparecendo.

1 — Poesia:

I — Prudente Jo Amaral e José Rodrigues de Melo — *Geórgicas Brasileiras (Cantos sobre coisas rústicas do Brasil — 1871)*. Versão em linguagem de João Gualeberto dos Santos Reis. Biografias e notas de Regina Pirajá da Silva — Publicações da Academia Brasileira — Rio, 1941.

Temos, não também, o nosso Virgílio, ou, melhor — polo que valemos mais do que a Vellia Roma — os nossos Virgílios. João Rodrigues de Melo, natural do Porto, escreveu os *Canções de Rústicas Brasileiras*: *Rebus Carmínium*. O livro apareceu em 1781, na tipografia dos Irmãos Puccinelli, junto de Santa Maria da Valiguelha, acrescentado do *De Sacchari opúsculo Carmen*, de Prudente Jo Amaral. Essa obra era, como se há de imaginar, uma extrema raridade de sua bibliografia luso-brasileira. A Academia a incluiu na publicação dos seus livros, na Coleção *Aldiano Peixoto*. E temos-lá, agora, continuando a série dessas grandes e venerandos livros que são o *Peregrino da América* a Negri, A. Graj — eis a pequena em torno dos louvores que merece

BALADA A PHILIP MUIR



Philip Muir cruza o Atlântico em seu navio.
Nem almirante nem corsário: copeiro inglês.
Pele de nácar, pintas de ouro, cabelo ruivo,
Philip Muir, de brancas unhas, correto e esguio,
é um puro lord, pelo silêncio e pela alivez.

Diz-me "Good evening", endireitando-me a cadeira.
Espera as ordens. Não fita os olhos em ninguém.
Após dois dias, conhece todos os meus gostos
à mesa. E apenas corre com o olhar a lista inteira
da sopa à fruta. Nunca se esquece do "chow mein".

Do lado do norte, há sangue nas águas do Oceano.
E do lado de leste. E nas terras. Sangue inglês.
E por baixo do mar andam as sombras sem passeios..
Philip Muir, no meio do desastre humano,
serve champanhe, hoje. Amanhã, seu sangue, talvez.

Diz-me "Good night" endireitando-me a cadeira.
Mais tarde, na noite, acende seu cachimbo e vem
ver as estrelas nascendo do amargo horizonte.
— ilhas dormentes, que o vento embala a noite inteira...
e muitas cenas — tão diferentes! — mais além.

Nenhum soldado será mais grave nem mais frio
que Philip Munir, si ainda chega a sua vez.
Coberto de lama, sangue, injúria, dor e morte,
Philip Muir partirá num outro navio,
navio de nuvem, mas com mastros de alivez.

Nem duque nem lord: um simples homem da Britânia.
Nem almirante nem corsário: copeiro inglês.

CECILIA MEIRELES

I — Prudente Jo Amaral e José Rodrigues de Melo, *Tratado da Terra do Brasil*, de Pedro Gondavo, o Hans Staden, os Diálogos das Grandezas, as Cartas de Nóbrega e de Ancheta, o Tabaco Português, etc.

II — Freitas Guimarães — *Ité, missa est!* — Alfranio Peixoto, biografias e notícias de Regina Pirajá da Silva que tratou do seu assunto com erudição cabal.

III — Mercedes Silveira — *Maria Canedo* — Rio, 1941. Num sorteio realizado em setembro do ano passado no Clube das Vitorias Regas, dentre vinte e oito nomes de sócias intelectuais, não só não a página de rosto desse livro — a sorte indicou para edição o livro da sua, Mercedes Silveira. Dal ser publicada agora esta *Maria Canedo*, colecionada de versos suaves e apaixonados, em que transparece uma entranhadora sensibilidade feminina.

IV — Luiz Delfino — *Posse absoluta — Gráfica Guarani* — Rio, 1941. A obra de Luiz Delfino encontra-se hoje quase totalmente publicada. *Algás e Musgos, Poemas, Poesias Líricas, Intimas e Aspirações, Anjos do Infinito, Atlântico romântico, Rosas Negras, Estreito da Epopeia Americana, Arco do Triunfo*, e, agora essa *Posse Absoluta* — é os dez volumes em que tem sido recolhida a extensa produção poética daquele que durante tanto anos esteve inédito em livro e constituiu um dos mais significativos mistérios da literatura brasileira. Hoje, todo editado, Luiz Delfino não constitui mais mistério nenhum, e talvez seja.

V — A obra de Luiz Delfino, aparentemente neste vários livros, apresenta (Continua na pág. seguinte)

A MAIS VELHA ACADEMIA: OS ESQUECIDOS Centenário de Salvador de Mendonça

Pedro Calmon (Da Academia Brasileira)

A primeira Academia brasileira é mío.

Em 1723 publicou-se em Lisboa o *Primerio tomo (o segundo ficou no los, 1685-1714)* de um esquecimento até (então) de acréscimo: *"Compendio Narrativo do Peregrino da América"*, por Nuno Marques Pereira. Não figurou este na "ilustre companhia", decerto pela humildade em que vivia, ou sobreviu (o livro tem o magistério de "memórias"). Justifica a posterioridade, entretanto, a Academia caia em completo óbido, como aliás previra ("Academia Brasileira dos Esquecidos") enquanto Nuno Marques Pereira teve a glória impar da redação (Lisboa 1731) ainda em vida. O seu "Compendio" foi farramente lido. Atestam este favor público as ligas (alentejadas) de 1728 e 31, de 1752, de 1760, de 1765. Foi o livro brasileiro, ateíssimo o século XIX, mais lido e publicado, o que "a Capistrano de Abreu chamar o autor o Casmirino de Abreu do seu" XVIII", lembrava Afrânio Peixoto. Constitui, pou, um caso à parte. Um caso biográfico e um caso literário particular. Dizem-no natural de Caiaru, no Brasil (versão que data de Barbosa Machado): preferimos considerá-lo, como o autor do "Peregrinopépó", é de Rodolfo Garcia a licença portuguesa que veio menino e moço para a América. O próprio rótulo da obra, "Peregrina da América", não lhe faria suspeitar se no prefácio dedicando-o a Manuel Nunes Viana, seu Mecenas (que lhe inspirou) não acunhasse a sua solidariedade com os "embobados" europeus de "Dinas Gerais, a cada passo insistindo em alusões a leal conduta do protetor. E verdade que contou como se a assassinou, a passagem do arcebispo Dom Fr. Manuel de Restrelo pelo sul da Baía, em 1881. Teria seu vinte anos de idade. Portanto, na hipótese de haver nascido no Reino, tornaria no "Brasil" a mentalidade e por certo em colégio jesuítico porque, de continuo, confessava estudos e preferências cultas que traem essa origem.

Escrito com a simplicidade passível na época dos Rocha Pita e dos Botelhos de Oliveira, o "Compendio Narrativo" agrada pelos numerosos episódios que enumera, pela ternura e sentimento da terra que revela, pelos depoimentos que apresenta, à história dos costumes e das ideias. E também um devotamento, pela religião sôndida e moralista (contra os "herros do Brasil"), como diria Vieira; que o inspira, doutrinada em forma de severos conselhos por um ancião desenganado das prazeres, experimentado e franco, nítente e sabio (e mais sabio do que penitente, como ordinariamente sucede em livros análogos).

A passagem tem o seu lugar, a informação das coisas coloniais o seu relevo crítico, a notícia da terra e seu recorte realista, nesse ilírico virtuoso.

A exclusão de Nuno Marques Pereira da Academia Brasileira como o exclui igualmente do círculo numeroso dos esquecidos da literatura brasileira do período colonial. (1)

Não teve por seu lado a consagração académica um brasileiro suave que, no ano mesmo em que se fundou, no palácio do governo da Baía, o prêmio enfático, dirigido por Vasco Fernandes Cesar de Melo, morria exiliado e sem pão em Toledo: o "Pátre-Voador".

Dois irmãos levaram para a Europa ráio que têm. (2) Diderot, além a roga e immortalizaram o sobrenome que lhes legou o padrinho venerável Bartolomeu Lourenço de Gus-

tos. Fizeram vida intelectual no Reino. O primeiro (de São Paulo) é o pioneiro da aviação aérea, com a invenção do balão falsamente desenhado como "passarola", que poderia dar ao homem o domínio dos espacos.

Fremontou os Montgolfier, e tornou-se célebre — em 1709 — com a sua experiência embora de dividido o éxito. Espírito irrequieto, entusiasta e rebelde, a sua carreira científica se ressentiu da instabilidade de que não soube extrair-se. Faz ciência, com o seu gênio de investigação sempre contrariado — oratória sagrada, história, Sermões eloquentes derram-lhe retaliação em Portugal. (3) Por fim a fuga e a morte no estrangeiro lhe encerraram a existência aventureira — enquanto foi triunfante e feliz a de seu irmão estadista.

Por que uma Academia no Brasil só reconhecia a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-cronológica da instituição de festa procissão e ofício do Corpo Santo de Cristo"*, Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da França suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-cronológica da instituição de festa procissão e ofício do Corpo Santo de Cristo"*, Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

logística da instituição de festa

procissão e ofício do Corpo Santo

de Cristo", Lisboa 1759. O re-

pentista Gonçalo Soares da Fran-

ça suscitou a admiração de Gregório de Matos. Sebastião da Rocha Pita, porém, deixou livro inovável: *"História crítico-crono-*

A EDIÇÃO BRASILEIRA DE BARLAEUS

José Honório Rodrigues

Dentre as obras raras ou preciosas, brasileiras ou estrangeiras, relativas ao Brasil, destaca-se o "Herbarium per Octentum in Brasilia" de Gaspar Barlaeus.

Dous grandes dificuldades quais impossibilitavam a leitura desta magnifica e representativa obra referente ao período holandês no Brasil. A primeira era a raridade e o custo da obra. Sabe-se que nenhuma após a publicação em edição holandesa de 1623 e da britânica de 1640-41, a edição latina de 1647 custa, mais ou menos, trés contos de reis.

Tornava-se, pois, inacessível a sua aquisição, de vez que por tal preço, se um ou outro fizesse a fortuna, e, ainda assim, bafejado numa sorte de encantos ou exemplar, e que o poderia obter.

A outra dificuldade era de ordem cultural.

Como muito bem acentuou Nabergaard, Aditamentos apensos no final da sua magnifica tradução, "a lingua universal garantia que se atingisse o público culto tanto no país como no estrangeiro e até no país intílio". (1)

Essa vantagem primordial de que gozava a lingua latina, universal instrumento de prosa e de pensamento ainda no século dezesseis, foi pouco a pouco desaparecendo, perdendo sua catolicidade e foi o movimento de formação nacional condicionado pela economia urbana que determinou, por assim dizer, o primado da lingua materna.

Assim, pois, utilizando-nos de palavras de S. L'Honoré Nabergaard: "De fato, o holandês medianamente culto, que trabalhou durante dois séculos e três quartas partes de um século para elevar a educação da juventude ou, então, viu outros trabalharem no mesmo sentido, já não compreende a lingua de Barlaeus". (2)

Ora, é forte de dúvida que se a formação humanista na Holanda, onde grandes e tradicionais universidades ministraram à juventude as lettras clássicas, não pode mais facilitar no holandês o tratado comum com a lingua latina muito mais certo seria afirmar que no Brasil de hoje esse manejão de uma lingua morta e erudita se tornou pouca vulgar.

Aresce, ainda, que existiam duas outras traduções de Barlaeus: uma, em lingua alemã, edição que não se pode e não se deve falar, com trechos resumidos, não estando, portanto, a altura da existência de Barlaeus; outra, a edição holandesa, magnifica, certamente a melhor edição de Barlaeus, por várias razões. Que breve indicaremos. Ora, tanto a lingua alemã quanto a holandesa são pouco conhecidas no Brasil, muito especialmente a segunda. A primeira tradução alemã teria sido contra si a desvantagem de infidelidade.

E, por conseguinte, poucas que devessem ou devoissem anos após a publicação da edição holandesa não se reimprimissem os mapas suplementares que Nabergaard adicionou a sua edição de 1933. Como se sabe, Nabergaard fez "verso" em primeiro lugar um mapa representando o mar que, pela primeira vez, foi navegado por Huicuer em 1643 — o que facilita a compreensão do trecho de Barlaeus relativo à expedição ao Chile; em segundo, uma reprodução do terreno de operações de Brouwer no Chile, conforme mapa em mãos de Elias Herckmans; em terceiro, uma coleção de gravuras, com explicações pertencentes ao Tableau de Margraf sobre o Brasil Neerlandês. Conforme alega Nabergaard, existem exemplares de Barlaeus em que, de fato, se encontram folhas suplementares, destinadas a fazer um todo maior dos quatro mapas, que foram feitos por ele reproduzidos em sua edição. Esses mapas constituiram um Tableau, com a descrição do Brasil, tirada do próprio texto de Barlaeus, em três linguas: francesa, alemã e holandesa, foi composto por G. Margraf em 1643, gravado em cobre em 1646, e editado, separadamente por Blaeu em 1647.

Não havia razão para por de lado tão importante contribuição, resultado de várias pesquisas de S. L'Honoré Nabergaard e do dr. F. C. Wieder. (3)

Essas são, a nosso ver, os principais defeitos da edição brasileira. Cab-nos, agora, retificar erros e implos em que laborou o prof. Claudio Brandão.

Admiramo-nos o conhecimento da edição latina de 1647, impren-

a edição. Conserva-se absolutamente fiel no texto latino de 1647. Isto é, nem o sabemos, uma inovação e, talvez, alguns defendam a conformação integral ao sistema da edição latina de 1647; mas parece-nos ser tola tal pretensão, visto o que se respeita fisicamente o texto, nada perturba e cíclave por capítulos, ao contrário, se lasciva. Mesmo porque, se fôssemos adotar tal rigorismo, não deveríamos anotar ou prefaciar qualquer obra rara ou preciosa, de vez que estariamos desrespeitando a conformação do texto original. Não se modifica, por exemplo, a pontuação do texto latim para facilitar a leitura? Não é este o critério que tem sido adotado pelos maiores autores e editores críticos de textos históricos raros e preciosos?

Um só exemplo: na edição de 1931, da Espanhófia de Vária História Portuguesa, de Francisco Manuel de Melo, revista e anotada por Edgar Prestage, o membro, a Carta de Guia dos Casados, na edição de Camilo Castelo Branco, de 1872, adotou o mesmo critério que viram aqui defendendo. Assim a pág. 34, escreve Camilo Branco: "A Carta de Guia saiu de um folheto de abundante veia do autor. Não tem paragons nem divisões de matérias, bem que se haja abundissimas. Por isso, reparti o assunto geral em capítulos, cada um com seu título, podendo, assim, o leitor achar no índice a matéria que deseja reiser ou consultar".

De sorte que o critério adotado por Nabergaard, na sua tradução portuguesa, justificava e base. Não seria uma inovação nem seguros fundamentos nos eruditos editores de obras raras e preciosas.

Sebemos é certo, que em obras de valor filológico e preciso de erário o documento, mas, nem assim só o que encontra lindamentos etimológicos, pois "guardar intacta a prosódia incorreta dos livros arcondicionados a recrear e instruir sempre não se parece razão que errare" refuta.

Aém disso, os mapas que ornaram a edição brasileira causaram, em sua espécie, pois, cerca o esmero tipográfico da edição é de se extrair a reimpressão ponto nota dos mesmos, tornando difícil a leitura de qualquere nome imprentado.

Quem necessitar comprar os mapas que ornaram, em Barlaeus, muito raramente estariam qualquer dúvida, se recorrer aos mapas da edição brasileira em formato maior. Consultem-nos, todavia, os velhos e gastos mapas da edição de 1647 ou os da edição de 1923 e ver-se-á que em nada exageramos. Talvez tenhamos sido induzidos...

Não se justifica, tão pouco, que devessem ou devoissem anos após a publicação da edição holandesa não se reimprimissem os mapas suplementares que Nabergaard adicionou a sua edição de 1933. Como se sabe, Nabergaard fez "verso" em primeiro lugar um mapa representando o mar que, pela primeira vez, foi navegado por Huicuer em 1643 — o que facilita a compreensão do trecho de Barlaeus relativo à expedição ao Chile; em segundo, uma reprodução do terreno de operações de Brouwer no Chile, conforme mapa em mãos de Elias Herckmans;

em terceiro, uma coleção de gravuras, com explicações pertencentes ao Tableau de Margraf sobre o Brasil Neerlandês. Conforme alega Nabergaard, existem exemplares de Barlaeus em que, de fato, se encontram folhas suplementares,

destinadas a fazer um todo maior dos quatro mapas, que foram feitos por ele reproduzidos em sua edição. Esses mapas constituiram um Tableau, com a descrição do Brasil, tirada do próprio texto de Barlaeus, em três linguas: francesa, alemã e holandesa, foi composto por G. Margraf em 1643, gravado em cobre em 1646, e editado, separadamente por Blaeu em 1647.

Não havia razão para por de lado tão importante contribuição, resultado de várias pesquisas de S. L'Honoré Nabergaard e do dr. F. C. Wieder. (3)

Essas são, a nosso ver, os principais defeitos da edição brasileira.

Cab-nos, agora, retificar erros e implos em que laborou o prof. Claudio Brandão.

Admiramo-nos o conhecimento da edição latina de 1647, impren-

sa por Tobias Silberling, não impedisse o prof. Cláudio Brandão de incorrer em grave lapso. Oito vezes comete, em seu prefácio e nas notas, o lamentável equívoco de escrever, presumptivamente, "o tradutor Tobias Silberling". Ora, na edição alemã (1659) está escrito, claramente, na folha de rosto "Clavis ex officina Tobias Silberling". Evidente, claro, trata-se do impressor e nunca, do tradutor. As palavras alemãs e latinas não devem dividir. Somente duas vezes escreveu o professor Cláudio Brandão corretamente: "o tradutor alemão". Essa é a atitude certa e correta, pois denuncia o tradutor alemão e o grande tradutor da edição brasileira só poderia dizer afirmativamente "o tradutor alemão Tobias Silberling" se houvesse realizado alguma pesquisa nesse sentido e trouxesse assim, um esclarecimento novo e interessante. E o prof. Cláudio Brandão não nos deu nenhuma alguma de que houvesse realizado tal pesquisa, feliz, que viesse denunciar o tradutor alemão de sua edição alemã. E' de notar que em algumas bibliografias realizadas por notáveis especialistas do assunto, a atitude e sempre de reserva e cautela. E' desse modo como procede, por exemplo, Clara Louisa Penney no "List of Books printed 1601-1700 in the Library of the Hispanic Society of America". (4) que escreve: "2nd ed. Brasiliensis Geschichte Clive, T. Silberling, 1659 (German translation by unknown)". Outros, como Müller e Asher, não mencionam, também, o tradutor e sim o impressor Tobias Silberling.

A edição brasileira constitui, realmente, a terceira tradução, mais, cronologicamente, é a sexta edição de Barlaeus; a primeira é a latina de 1647; a segunda, a alemã de 1659; a terceira, a latina, de 1688, não citada pelo prof. Cláudio Brandão; tem o título: "Descriptio Totius Brasiliæ", Clavis, in-8º com o trabalho de Piso da História Natural, tal como na edição latina de 1647. (5); a quinta, a holandesa de 1923; e, finalmente, a sexta, a edição brasileira de 1940-41.

Escreve, também, o prof. Cláudio Brandão que se Varnhagen chamou de latinissima a obra de Barlaeus foi por ironia. E' desconhecida a obra do Visconde de Furtado Seguro — todos são graves e sérios — atribuir-lhe intuito ironônico. O certo é que o prof. Cláudio Brandão, latinista eminentíssimo, que queceu-se de analisar a obra de Barlaeus num sentido de relativismo histórico. Seja falso creer que Barlaeus pudesse escrever na bela lingua de Ciceron, Vergiliu ou Tito Lívio. Barlaeus é o tipo clássico do humanista do século XVII, poetizando com facilidade e abundância. A grande quantidade de episódios e generalizações da sua obra mostra que era versado nos modélos clássicos. O seu latim é o do Renascimento, o mesmo de Erasmo, de Cardenal Bembo, de Scaliger, eruditos e humanistas da Renascença. Não seria, portanto, querer criticar sem critério histórico de relatividade.

Naber, que foi encrótico professor de lettras clássicas e de história da Universidade de Leioa, chama, também, nos Aditamentos de latinissima a obra de Barlaeus. (6) e, mais adiante, escreve: "Mas o melhor continuava sempre a ser o texto, cativante quanto

to à redação, de conteúdo excelente quanto à composição, atraente pela variedade, digno quanto ao tom, mesmo nos lugares em que, de fato, se critica ou se sombra levemente". (7)

Além, não foge essa a única vez em que o prof. Cláudio Brandão foi injusto para com Barlaeus. Ele declara, por exemplo, que Barlaeus não foi dos mais ilustres da sua época. Ora, o conhecimento da literatura holandesa do século XVII — stule de ouro de Frederico Henrique — levou, evidentemente, a uma afirmativa contrária.

A reputação da obra de Barlaeus foi de tal ordem que ele foi incluído no Dicionário Crítico de Bayle que, no Tomo I, págs. 658-662, avorbou o nome do professor do Ateneu Ilustre de Amsterdã, dando-lhe uma extensa biografia. O desconhecimento dessa biografia — que é talvez única segundo extensas e demoradas pesquisas que temos realizado na Biblioteca Nacional — e que contém o prof. Cláudio Brandão a pintar-nos um tão desalengado retrato de Gaspar van Baerle Diga-se, de passagem, que a biografia que nos dá o Prof. Cláudio Brandão muito se assemelha à notícia biográfica da Encyclopédia Espasa & Calpe. Bayle, no seu Dicionário, rebateu a versão das pseudoneuroses de Barlaeus, basileado, especialmente, num falso retrato de Gaspar van Baerle. Diga-se, de passagem, que a biografia que nos dá o Prof. Cláudio Brandão muito se assemelha à notícia biográfica da Encyclopédia Espasa & Calpe. Bayle, no seu Dicionário, rebateu a versão das pseudoneuroses de Barlaeus. Essa versão foi elaborada por Theodoor De Bry, em 1627, e publicada por Theodoor De Bry e de Mecheldech Thevenet, Juila e edição de Barlaeus: exequente.

Pois bem. Camus, considerou justamente como o melhor crítico da edição de Theodoor De Bry, em 1627, e de Mecheldech Thevenet, Juila e edição de Barlaeus: exequente.

Não é de admirar que os eruditos brasileiros dessa ordem preferissem escrever, por exemplo: "de deixaram trabalhos sobre física e medicina", como fez o prof. Cláudio Brandão.

No aparato bibliográfico que conseguimos reunir de Barlaeus — setenta fichas de obras e edições diferentes, como já dissemos — constam duas teses de finais de 1903 e outra de 8 páginas, escrita em 1903. Não merecem, portanto, especial referência os trabalhos de Barlaeus nessa campo.

Resta dizer que discordamos ainda em um ponto, do autor da edição brasileira. Assim não existe a nota 358, em que o prof. Cláudio Brandão declara que "brasiliense" em Barlaeus significa, em geral, os indigenas, os índios" pois, argumentando com o próprio texto de Barlaeus verifica-se que à pág. 132 descreve este sob a denominação de brasilienses ou tupis, atribuindo-lhe uso da rede que, como se sabe, não é traço de cultura tupia, ou melhor, gê: (8) Enquanto que, à pagina 286, descreve, propriamente, os tupis. Desta modo, distinguem os tupas dos brasileiros, que devem ser os tupis. O certo, entretanto, parece-nos que seria dizer: brasileiros, os índios tupis, distinção essa que se nota claramente em Marçraf e Neuhot.

As nossas observações teem em espírito de modestos reparos e, assim, mais uma vez afirmamos o valor da contribuição do prof. Cláudio Brandão, nas magníficas notas, que esclarecem o retificam o texto, o esmero tipográfico e o cuidado da edição, que honra e Ministério da Educação.

(1) Gaspar Barlaeus, Nederlandsche Brasilië onder het bewind van Johan Maurits Gravez, 1637-1644. Trad. do latim por S. P. L'Honoré Nabergaard, Haarlem, 1895. MDCCCXXXIII, pag. 428.

(2) Idem, pag. 425.

(3) Nederlandse Historisch-Geographische Documenten in Spanje, pag. 329, in L'Honoré Nabergaard, pag. 429.

(4) New York, 1938, pag. 47.

(5) Tiele, Nederlandse Biographie van Land en Volkerkunde, 1884, Milliet, pag. 18.

(6) Nederlandse Brasilië..., pag. 423.

(7) Idem, pag. 428.

(8) Apud Bayle, Dictionnaire Critique, 3ª ed., Tome I, pag. 839-842.

(9) Grasset de Comp, Lausanne, 3ª ed., pag. 47.

(10) Lügdeni Batavorum, ex officio Godefridi Basano, MDCXXX, 8 págs.

(11) Apud Michaelius Collinus, 1622.

(12) Mémoire sur la collection des Grands et Petits Voyages et sur la Collection de Mecheldech Thevenet, Paris, 1802, págs. 162-163.

(13) Estevão Pinto, Os Indigenas do Nordeste, Brasiliense, 1895, Tomo I, pag. 126.

O PRÓXIMO NÚMERO DE AUTORES E LIVROS

No seu segundo número, a aparecer no próximo domingo, Autores e Livros dedicará a maior parte de suas páginas a Faúndes Varela.

Exatamente no dia 17 passará o centenário do nascimento do grande poeta do nosso Romantismo. Aproveitaremos a ocasião para dar vários trabalhos sobre o autor de *Evangelho nas Selvas*. Assinados por escritores da geração passada e por escritores da geração atual, esses trabalhos irão mostrar-nos como, através dos quase setenta anos, que já passaram sobre a morte do admirável cantor, seu prestígio parece ter crescido cada dia mais no coração de todos os que tem sensibilidade para a arte e para a poesia.

Publicaremos também trabalhos sobre outros assuntos, assinados por ilustres homens das nossas lettras de hoje, além das seções comuns, com as quais o leitor já se terá familiarizado na nossa edição de hoje.

Um poeta clássico: João Cabral do Nascimento

JOÃO GASPAR SIMÕES

Os anos passam e a poesia flêca. Passam as guerras, os terremotos, as tormentas e os poetas não se calam: são eternos. Mas o gosto do homem é variado. As emoções seguem o rumo das épocas. Os poetas acompanham as oscilações da sensibilidade, quando não são eles próprios quem as provoca. Seja como for, no curso dos tempos duas atitudes permanecem lado a lado em todas as manifestações poéticas. Há os que se desgarram mergulhando na corrente a cujos abismos vão buscar as maravilhas da inspiração e há os que, de cabeça levantada, cabecinha composta e gestos comedidos esperam à superfície, que a inspiração aflore do seio das águas. Na história das literaturas convencionou-se chamar românticos aos primeiros e clássicos aos segundos. Esta nomenclatura manteve-se há muito, o que nos leva a supor ser mais alguma coisa que uma simples classificação literária. Tendo-a por uma síntese das tendências fundamentais do espírito humano.

Diz-se muitas vezes que o temperamento romântico é mais rico que o clássico. Há quem diga que o classicismo é uma superação do temperamento romântico: uma vitória sobre o romantismo prévio. Aquelas que assim pensam restringem o conceito classicista a uma simples função de disciplina ou polícia. Quem tenha estudado com cautela os problemas da gênese literária sabe quanto é errôneo tal modo de pensar. O romântico é romântico por predisposição natural; é difícil mergulhar fundo na corrente de um rio e emergir dele composto e enxuto. As profundidades desgarram. A criação romântica é, de fato, criação em profundidade. Já a criação clássica é uma criação em superfície: "As árvores não deixam ver o bosque" — é o princípio em que assenta o ideal clássico. Se as árvores não deixam ver o bosque basta que nos contentemos em ver as árvores. Inutil pretendemos arrancar ao bosque os seus mistérios. Nada há portanto, a fazer senão contentarmo-nos com os primeiros planos, com a superfície.

Isto quer dizer que no ideal clássico há um princípio de re-

núncia ou impotência. Eis por que se diz que o clássico é menos rico que o romântico. Se é? Teríamos de saber se o romântico consegue, de fato, ver o bosque que o clássico desdenha. Em todo caso, é certo, muita coisa estaria ainda por descobrir se não fosse a audácia do espírito romântico. E provavel que seja impossível ver o bosque. Não deixe, porém, de ser louvável que tais pessoas esforçadas em chegar a vê-lo.

A pobreza do ideal clássico venha desta espécie de renúncia a todas as utopias.

Na poesia o ideal clássico traduz realmente esta impotência. O poeta clássico não aspira a fundos mergulhos na corrente sensibilidade post-simbólica. Há por vezes, nela, uma tonalidade austrosa, imagens e ambientes que se não coadunam com a chamada poesia moderna. Isto diz bem que Cabral do Nascimento não é um clássico do modernismo. Em todo caso é um clássico e um clássico com latões de modernidade. De fato, poucos poetas contemporâneos nacionais se poderão dizer tão completamente clássicos como Cabral do Nascimento. E aqui empregue estas palavras antes no sentido que é de uso dar-lhe: serena iluminação das superfícies que no sentido que Paul Valéry lhe atribui: obra de quem "chega depois". Lembremo-nos desses Carl-Gustav Carus de todos esses românticos alemaes, em suma, quase desconhecidos hoje, precursores afinal de Goethe e Baudelaire dos Valery. Quer dizer: é mais grato ao homem ler as obras onde a serenidade venceu o tumulto. Os poetas clássicos são muitas vezes preferidos aos românticos graças ao Enriquecimento herdado e à perfeição lograda.

Em Portugal a oscilação entre uma poesia romântica e uma poesia clássica conserva a mesma amplitude que em qualquer outro país. No que respeita à poesia moderna há já um certo número de poetas que, de certo modo seus precursores, como românticos tecem de ser considerados. E certo nem sempre os clássicos de uma certa época seriam os descendentes diretos dos românticos seus criadores. Vemos surgir, por vezes, dentro de uma certa corrente

poetas perfeitamente clássicos não obstante toda alicerçada de comum entusiasmo e sua obra a obra dos românticos que gerou tal corrente. É o caso do poeta João Cabral do Nascimento. Eis aqui, de fato, um poeta clássico que de certo modo não pode ser considerado sequaz dos precursores da poesia moderna portuguesa: os seus românticos. No entanto, naquilo que há de melhor na obra deste poeta transparece uma sensibilidade e uma expressão características dos chamados precursores da poesia moderna. Realmente, nem tudo na poesia de João Cabral do Nascimento é de uma sensibilidade post-simbólica. Há por vezes, nela, uma tonalidade austrosa, imagens e ambientes que se não coadunam com a

chamada poesia moderna. Isto diz bem que Cabral do Nascimento não é um clássico do modernismo. Em todo caso é um clássico e um clássico com latões de modernidade. De fato, poucos poetas contemporâneos nacionais se poderão dizer tão completamente clássicos como Cabral do Nascimento. E aqui empregue estas palavras antes no sentido que é de uso dar-lhe:

serena iluminação das superfícies que no sentido que Paul Valéry lhe atribui: obra de quem "chega depois". De fato, o "bosque na obra de Cabral do Nascimento não se vê: veem-se as árvores. Um primeiro piano calmo, requintado, subtil — eis a ambição do poeta. Nem as suas emoções são muito profundas, nem a sua inspiração é transcendente, nem os seus sentimentos ricam a dever grande coisa à complexidade. Isto, não obstante o frémido emocional que agita a poesia de Cabral do Nascimento e as subtilezas da sua sensibilidade. Embora não seja muito profundo, Cabral do Nascimento é, por vezes, extraordinariamente sutil. A subtilidade — eis o melhor estete do poeta clássico.

Todos nós procuramos na poesia a mesma coisa. A perfeição formal é bela mas, para o ser, carece de algo mais: em poesia as belas formas tecem de ser como que a vanguarda do frémido sagrado que as gera. Na obra de Cabral do Nascimento

há, ao mesmo tempo, perfeição formal e frémido sagrado. A sua perfeição formal é quase sempre o revestimento desse frémido.

A Eternidade? A Perfeição?

Inspidez. Monotonía.

Para o desejo: hasta um dia...

E o resto e só recordação.

Realmente parece que Cabral do Nascimento não considera a eternidade e a perfeição como bens supremos. E ainda bem. A serenidade da sua obra é menos serenidade de uma alma certa da perfeição e da eternidade que a serenidade de uma alma incapaz de encarar a vida sem um grande sentimento de repouso, sem uma confiança ilimitada na própria faculdade de reagir perante o que é eterno e perfeito.

O que há de clássico na poesia de Cabral do Nascimento é dado sobretudo pelo recorte, pela atitude Cabral do Nascimento busca e rebusa a palavra mais simples, mas concisa, mais justa, certo de inutilidade de toda a retórica.

A economia das suas imagens e do seu vocabulário é o segredo do seu classicismo. Como, porém, não se pode atingir este comando sem uma como que interferência crítica ou intelectual, eis explicada aquela espécie de presença discreta do próprio poeta na obra que realiza aparentemente desprendido. Dir-se-á querer dar-se espontâneo e ao mesmo tempo não querer que o juiz que onje e indiferente às palavras e às imagens que o vão exprimindo. Cabral do Nascimento gosta de estar presente, embora franqueando a espontaneidade as portas da sua poesia. Daí o que neia há de moderno. Desde Nobre um dos românticos precursores da poesia moderna, que este jogo da espontaneidade e do comando voluntário se tornou um dos principios da poética.

Na hora que passa um tão calmo e suí depuramento das formas poéticas, como aquele que se opera na obra deste poeta, é coisa rara. Cabral do Nascimento é, de fato, um dos poucos poetas contemporâneos em que o nome de clássico assenta como uma luva. Tal classicismo, repito-o, está mais próximo, porém, de um modernismo classicizante que de um classicismo puro e simbólico. E justo que Cabral do Nascimento tenha um lugar entre os poetas modernos portugueses. Poucos como ele serão capazes de manter, a par de uma tão perfeita unidade de expressão, uma tão ampla herança de imagens, de temas e de metos. João Cabral do Nascimento pertence à linhagem dos poetas que de Fernando Pessoa vêm até Carlos Queiroz.

em volta de uma espécie de transfiguração saudosa daquilo que um dia impressionou o poeta Cabral do Nascimento não sendo apenas visual, dá uma grande preferência às imagens visuais. Viu um jardim, viu uma janelas iluminadas, viu um rastro de espuma sobre o mar, viu uma borboleta passando e desto não sei qué fez pequenos poemas calmos, suaves, musicais, imponentes: "Basta-me o pensamento" disse o poeta. Não "importa que eu te viisse apenas uma vez". De fato, daquilo que entreviu num instante, o pensamento de Cabral do Nascimento fez poesia. Esta palavra "pensamento" é ampla e vaga na boca do poeta. Convém que ela não perca a sua amplitude e indecisão. De fato não se pode dizer que os poemas de Cabral do Nascimento sejam frutos do "pensamento". Mas também é verdade não ser possível conceberlos inteiramente emancipados delas. As coisas, as imagens, as emoções ao entrarem na poesia de Cabral do Nascimento volatilizam-se, perdendo a impureza das coisas concretas: fazem-se emoção intelectual. Eis por que a sua leitura é mais um prazer do cérebro que um deleite dos sentidos ou um frémido do coração. Aqui está outro traço da sua modernidade. O seu classicismo é feito de atributos modernos purificados. Cabral do Nascimento é um inacessível volatilizador da expressão poética.

Na hora que passa um tão calmo e suí depuramento das formas poéticas, como aquele que se opera na obra deste poeta, é coisa rara. Cabral do Nascimento é, de fato, um dos poucos poetas contemporâneos em que o nome de clássico assenta como uma luva. Tal classicismo, repito-o, está mais próximo, porém, de um modernismo classicizante que de um classicismo puro e simbólico. E justo que Cabral do Nascimento tenha um lugar entre os poetas modernos portugueses. Poucos como ele serão capazes de manter, a par de uma tão perfeita unidade de expressão, uma tão ampla herança de imagens, de temas e de metos. João Cabral do Nascimento pertence à linhagem dos poetas que de Fernando Pessoa vêm até Carlos Queiroz.

Nosso momento em que procura-se, para escrever um artigo que vai servir como o início de uma secção de crítica, o escritor sente sua alma apressiva e cheia de vaiações. — Valéry a pena tirar uma nova tribuna de crítica, entre tantas outras que já existem, ou que não chegam a existir, medita ele consigo mesmo? E perde-se numa encruzilhada terrível de possibilidades, de dúvida e de sofismas.

Não que ali nenhuma forma de depressa pelo gênero "crítica" a ilha, nem seria uma hipótese extravagante e infantil. Mas é que os salvadores que o guardam são novamente tantos. Incompreensível que lhe seja reservada tão fôrte, que ele não seja em seu encontro existe ainda aquela capacidade de sacrifício e de heroísmo, requisito imprescindível para inventar, manter e não desfumar.

Venderá da crítica seria hipótese extravagante e infantil — diziam os salmos.

Eram norgues a critica é, hoje, como sempre foi, uma como sinistra das atividades literárias. Ia nos finais do século passado, Anatole France via na crítica uma espécie de ciência universal, uniu como irmã da Teologia, capaz de explicar o Universo e todos os seus fenômenos. E procurando definir Sainte-Beuve, moderno, o que achava de seu XIX, talvez de todos os tempos, sis o comparava com Santo Tomás de Aquino, chamando-lhe um novo Dostor Universal. Foi realmente o século passado o século por excelência da crítica. Foi aquele em que a disciplina espiritual, iniciada desde a Renascença, veio a produzir os seus maiores florescimentos.

E esses florescimentos supremos, que incluíam Sainte-Beuve, Taine, Renan, George Sand, Huskyn, Poe, Oscar Wilde, todos inteligentes criadoras, mas também essencialmente críticas e analistas, chegam, pelos seus reflexos inevitáveis, até à nossa literatura de hoje. Generalizando um pouco, podemos dizer que toda obra literária hoje é essencialmente uma obra de crítica. E seria um tema curioso para os estudos da literatura comparada o de fixarmos a dignificação crítica que existe na

A VIDA DOS LIVROS

MEDITAÇÃO SOBRE A CRÍTICA

MÚCIO LEÃO

da Academia Brasileira

obra aparentemente de pura criação dos autores mais característicos do nosso momento. Tibaut e os amigos, na literatura francesa, ao lado da grande corrente puramente crítica La Harpe — Villeneuve — Saint Marc — Giraudon — Saint-Beuve — Jules — Rousseau — e, em outra direção, a dos críticos artísticos formados por Chateaubriand — Hugo — Lamartine — Gautier — Haendel — Paul de Saint-Victor — Barber — d'Aureville. Este quadro mostra-nos como são ofícios simultâneos, que se combinam e se nutrem ou ao contrário de criticar e de criar. E já nascem o núcleo do ensaio que em sua maioria Huxley, há pouco. Até onde vai a sua extensão? Até onde vai a sua amplitude? Até onde vai a sua profundidade? Até onde vai a sua originalidade? Onde é que começo a promover Gide ou o premiar Valéry? Eis a indagação tentadora para os que amam os temas abstratos de uma filosofia literária, nem sempre profunda, nem sempre convincente de que está disposta as últimas palavras sobre os assuntos de que trata...

No estudo que citei acima, Tibaut nos diz que conhece três gêneros de critica: a literatura francesa, os dois a que admira sua preferência, isto é, a crítica dos precursores e a crítica dos artistas; e mais a crítica das conversas. E esta última é a forma verdadeiramente legítima da crítica, pelo menos é aquela que está menos ancorada no erro perdurable e nos mimos distantes, desquadrados da realidade que lances sobre a crítica e os críticos um homem de gênio como Tolstoi, para o qual os críticos não passavam de loucos que escreviam sobre passas de jutza.

Encarando o fenômeno "crítica"

no Brasil, verificamos que anil valer mais que em qualquer outra região do mundo, precisamos de suas lições claras e férreas. Somos um país sem gênio para os avanços de orlação, na poesia e no romance, sólida, ainda críticos.

E isso será, num balanço total, de invariável consequência para a evolução literária do Brasil. Pred-

icamos de críticos, não tanto de artigos que vêm publicar em jornais e revistas suas meditações particulares, mas impressões sobre as obras alheias. Mas, sim, de críticos que se criticam a si mesmos, que se deem esse elemento de disciplina interior, essa coerência e esse contentamento do espírito, que só as belas faculdades da crítica amplamente exercitadas dão aos autores.

Alguns críticos que iniciaram os seus próprios obras — não de rigorosos, exigentes, como correm. E tanto melhor — pois nessas mesmas exigências a massa mesmo rigor terão melhores garantias de perfeção de suas obras.

Quanto a nós outros, porém, criticos profissionais, criticos que são forcados a dar de público, cada semana, a sua opinião acerca de livros, sob o desígnio de editoras e editoras — parecer-me que a única atitude que nos cabe é a da indulgência. Nossa misericórdia, mesmo, é quase indigência. Sim: tudo o que prende à abstração, no talento brasileiro, é frágil, e só raramente chega a uma realização perfeita.

Com referência à critica, porém, podemos dizer que nossa desvalia não é tamanha. A geração de 1880 possuiu uma bela inteligência de critica e análise. José Veríssimo, Silvio Romero e Araripe Junior — a triade crítica que é de uso operar e a triade poética, composta de Olavo Bilac, Haimundo Correia, Alberto de Oliveira — foram belas personalidades críticas. Na mesma geração, Souza, Aranha, com certeza um grande crítico, e o único que não foi publicado, dando-lhe o único tratamento que merecem, a desdém. E quer dizer também que preparamos por em foco as coisas boas que abarcaram, mesmo quando sejam peplas raras, perdidas entre os muros de casas, entre os cantos entortados de casas. Uma critica assim, brava sempre, porém amilhoadas, que procure orientar, esclarecer, das nossas possibilidades, a gosto e a sensibilidade dos que principiam, pois para elas é que vamos falar, e não para mestres, que tem, em si mesmos, sua sabedoria e sua definitiva certeza.

Não quer isto dizer que a crítica deve ser só a crítica que honra a memória viva e só de eleitos sistemáticamente. Eles, também, prestem, não há livro tão mau que não contenha algo bom...

Quer dizer, se contrário, que as coisas que vêm publicar em geral, de lado, toda a vez que lhes nasce, só por nomes, dando-lhe o único tratamento que merecem, a desdém. E quer dizer também que preparamos por em foco as coisas boas que abarcaram, mesmo quando sejam peplas raras, perdidas entre os muros de casas, entre os cantos entortados de casas. Uma critica assim, brava sempre, porém amilhoadas, que procure orientar, esclarecer, das nossas possibilidades, a gosto e a sensibilidade dos que principiam, pois para elas é que vamos falar, e não para mestres, que tem, em si mesmos, sua sabedoria e sua definitiva certeza.

E isso será, num balanço total, de invariável consequência para a evolução literária do Brasil. Pred-

icamos de críticos, não tanto de artigos que vêm publicar em jornais e revistas suas meditações particulares, mas impressões sobre as obras alheias. Mas, sim, de críticos que se criticam a si mesmos, que se deem esse elemento de disciplina interior, essa coerência e esse contentamento do espírito, que só as belas faculdades da crítica amplamente exercitadas dão aos autores.

Alguns críticos que iniciaram os seus próprios obras — não de rigorosos, exigentes, como correm. E tanto melhor — pois nessas mesmas exigências a massa mesmo rigor terão melhores garantias de perfeção de suas obras.

Quanto a nós outros, porém, criticos profissionais, criticos que são forcados a dar de público, cada semana, a sua opinião acerca de livros, sob o desígnio de editoras e editoras — parecer-me que a única atitude que nos cabe é a da indulgência. Nossa misericórdia, mesmo, é quase indigência. Sim: tudo o que prende à abstração, no talento brasileiro, é frágil, e só raramente chega a uma realização perfeita.

Com referência à critica, porém, podemos dizer que nossa desvalia não é tamanha. A geração de 1880 possuiu uma bela inteligência de critica e análise. José Veríssimo, Silvio Romero e Araripe Junior — a triade crítica que é de uso operar e a triade poética, composta de Olavo Bilac, Haimundo Correia, Alberto de Oliveira — foram belas personalidades críticas. Na mesma geração, Souza, Aranha, com certeza um grande crítico, e o único que não foi publicado, dando-lhe o único tratamento que merecem, a desdém. E quer dizer também que preparamos por em foco as coisas boas que abarcaram, mesmo quando sejam peplas raras, perdidas entre os muros de casas, entre os cantos entortados de casas. Uma critica assim, brava sempre, porém amilhoadas, que procure orientar, esclarecer, das nossas possibilidades, a gosto e a sensibilidade dos que principiam, pois para elas é que vamos falar, e não para mestres, que tem, em si mesmos, sua sabedoria e sua definitiva certeza.

E isso será, num balanço total, de invariável consequência para a evolução literária do Brasil. Pred-

icamos de críticos, não tanto de artigos que vêm publicar em jornais e revistas suas meditações particulares, mas impressões sobre as obras alheias. Mas, sim, de críticos que se criticam a si mesmos, que se deem esse elemento de disciplina interior, essa coerência e esse contentamento do espírito, que só as belas faculdades da crítica amplamente exercitadas dão aos autores.

Alguns críticos que iniciaram os seus próprios obras — não de rigorosos, exigentes, como correm. E tanto melhor — pois nessas mesmas exigências a massa mesmo rigor terão melhores garantias de perfeição de suas obras.

Quanto a nós outros, porém, criticos profissionais, criticos que são forcados a dar de público, cada semana, a sua opinião acerca de livros, sob o desígnio de editoras e editoras — parecer-me que a única atitude que nos cabe é a da indulgência. Nossa misericórdia, mesmo, é quase indigência. Sim: tudo o que prende à abstração, no talento brasileiro, é frágil, e só raramente chega a uma realização perfeita.

Com referência à critica, porém, podemos dizer que nossa desvalia não é tamanha. A geração de 1880 possuiu uma bela inteligência de critica e análise. José Veríssimo, Silvio Romero e Araripe Junior — a triade crítica que é de uso operar e a triade poética, composta de Olavo Bilac, Haimundo Correia, Alberto de Oliveira — foram belas personalidades críticas. Na mesma geração, Souza, Aranha, com certeza um grande crítico, e o único que não foi publicado, dando-lhe o único tratamento que merecem, a desdém. E quer dizer também que preparamos por em foco as coisas boas que abarcaram, mesmo quando sejam peplas raras, perdidas entre os muros de casas, entre os cantos entortados de casas. Uma critica assim, brava sempre, porém amilhoadas, que procure orientar, esclarecer, das nossas possibilidades, a gosto e a sensibilidade dos que principiam, pois para elas é que vamos falar, e não para mestres, que tem, em si mesmos, sua sabedoria e sua definitiva certeza.

E isso será, num balanço total, de invariável consequência para a evolução literária do Brasil. Pred-

icamos de críticos, não tanto de artigos que vêm publicar em jornais e revistas suas meditações particulares, mas impressões sobre as obras alheias. Mas, sim, de críticos que se criticam a si mesmos, que se deem esse elemento de disciplina interior, essa coerência e esse contentamento do espírito, que só as belas faculdades da crítica amplamente exercitadas dão aos autores.

Alguns críticos que iniciaram os seus próprios obras — não de rigorosos, exigentes, como correm. E tanto melhor — pois nessas mesmas exigências a massa mesmo rigor terão melhores garantias de perfeição de suas obras.

Quanto a nós outros, porém, criticos profissionais, criticos que são forcados a dar de público, cada semana, a sua opinião acerca de livros, sob o desígnio de editoras e editoras — parecer-me que a única atitude que nos cabe é a da indulgência. Nossa misericórdia, mesmo, é quase indigência. Sim: tudo o que prende à abstração, no talento brasileiro, é frágil, e só raramente chega a uma realização perfeita.

Com referência à critica, porém, podemos dizer que nossa desvalia não é tamanha. A geração de 1880 possuiu uma bela inteligência de critica e análise. José Veríssimo, Silvio Romero e Araripe Junior — a triade crítica que é de uso operar e a triade poética, composta de Olavo Bilac, Haimundo Correia, Alberto de Oliveira — foram belas personalidades críticas. Na mesma geração, Souza, Aranha, com certeza um grande crítico, e o único que não foi publicado, dando-lhe o único tratamento que merecem, a desdém. E quer dizer também que preparamos por em foco as coisas boas que abarcaram, mesmo quando sejam peplas raras, perdidas entre os muros de casas, entre os cantos entortados de casas. Uma critica assim, brava sempre, porém amilhoadas, que procure orientar, esclarecer, das nossas possibilidades, a gosto e a sensibilidade dos que principiam, pois para elas é que vamos falar, e não para mestres, que tem, em si mesmos, sua sabedoria e sua definitiva certeza.

E isso será, num balanço total, de invariável consequência para a evolução literária do Brasil. Pred-

icamos de críticos, não tanto de artigos que vêm publicar em jornais e revistas suas meditações particulares, mas impressões sobre as obras alheias. Mas, sim, de críticos que se criticam a si mesmos, que se deem esse elemento de disciplina interior, essa coerência e esse contentamento do espírito, que só as belas faculdades da crítica amplamente exercitadas dão aos autores.

Alguns críticos que iniciaram os seus próprios obras — não de rigorosos, exigentes, como correm. E tanto melhor — pois nessas mesmas exigências a massa mesmo rigor terão melhores garantias de perfeição de suas obras.

Quanto a nós outros, porém, criticos profissionais, criticos que são forcados a dar de público, cada semana, a sua opinião acerca de livros, sob o desígnio de editoras e editoras — parecer-me que a única atitude que nos cabe é a da indulgência. Nossa misericórdia, mesmo, é quase indigência. Sim: tudo o que prende à abstração, no talento brasileiro, é frágil, e só raramente chega a uma realização perfeita.

Com referência à critica, porém, podemos dizer que nossa desvalia não é tamanha. A geração de 1880 possuiu uma bela inteligência de critica e análise. José Veríssimo, Silvio Romero e Araripe Junior — a triade crítica que é de uso operar e a triade poética, composta de Olavo Bilac, Haimundo Correia, Alberto de Oliveira — foram belas personalidades críticas. Na mesma geração, Souza, Aranha, com certeza um grande crítico, e o único que não foi publicado, dando-lhe o único tratamento que merecem, a desdém. E quer dizer também que preparamos por em foco as coisas boas que abarcaram, mesmo quando sejam peplas raras, perdidas entre os muros de casas, entre os cantos entortados de casas. Uma critica assim, brava sempre, porém amilhoadas, que procure orientar, esclarecer, das nossas possibilidades, a gosto e a sensibilidade dos que principiam, pois para elas é que vamos falar, e não para mestres, que tem, em si mesmos, sua sabedoria e sua definitiva certeza.

E isso será, num balanço total, de invariável consequência para a evolução literária do Brasil. Pred-

icamos de críticos, não tanto de artigos que vêm publicar em jornais e revistas suas meditações particulares, mas impressões sobre as obras alheias. Mas, sim, de críticos que se criticam a si mesmos, que se deem esse elemento de disciplina interior, essa coerência e esse contentamento do espírito, que só as belas faculdades da crítica amplamente exercitadas dão aos autores.

Alguns críticos que iniciaram os seus próprios obras — não de rigorosos, exigentes, como correm. E tanto melhor — pois nessas mesmas exigências a massa mesmo rigor terão melhores garantias de perfeição de suas obras.

Quanto a nós outros, porém, criticos profissionais, criticos que são forcados a dar de público, cada semana, a sua opinião acerca de livros, sob o desígnio de editoras e editoras — parecer-me que a única atitude que nos cabe é a da indulgência. Nossa misericórdia, mesmo, é quase indigência. Sim: tudo o que prende à abstração, no talento brasileiro, é frágil, e só raramente chega a uma realização perfeita.

Com referência à critica, porém, podemos dizer que nossa desvalia não é tamanha. A geração de 1880 possuiu uma bela inteligência de critica e análise. José Veríssimo, Silvio Romero e Araripe Junior — a triade crítica que é de uso operar e a triade poética, composta de Olavo Bilac, Haimundo Correia, Alberto de Oliveira — foram belas personalidades críticas. Na mesma geração, Souza, Aranha, com certeza um grande crítico, e o único que não foi publicado, dando-lhe o único tratamento que merecem, a desdém. E quer dizer também que preparamos por em foco as coisas boas que abarcaram, mesmo quando sejam peplas raras, perdidas entre os muros de casas, entre os cantos entortados de casas. Uma critica assim, brava sempre, porém amilhoadas, que procure orientar, esclarecer, das nossas possibilidades, a gosto e a sensibilidade dos que principiam, pois para elas é que vamos falar, e não para mestres, que tem, em si mesmos, sua sabedoria e sua definitiva certeza.

E isso será, num balanço total, de invariável consequência para a evolução literária do Brasil. Pred-

icamos de críticos, não tanto de artigos que vêm publicar em jornais e revistas suas meditações particulares, mas impressões sobre as obras alheias. Mas, sim, de críticos que se criticam a si mesmos, que se deem esse elemento de disciplina interior, essa coerência e esse contentamento do espírito, que só as belas faculdades da crítica amplamente exercitadas dão aos autores.

Alguns críticos que iniciaram os seus próprios obras — não de rigorosos, exigentes, como correm. E tanto melhor — pois nessas mesmas exigências a massa mesmo rigor terão melhores garantias de perfeição de suas obras.

Quanto a nós outros, porém, criticos profissionais, criticos que são forcados a dar de público, cada semana, a sua opinião acerca de livros, sob o desígnio de editoras e editoras — parecer-me que a única atitude que nos cabe é a da indulgência. Nossa misericórdia, mesmo, é quase indigência. Sim: tudo o que prende à abstração, no talento brasileiro, é frágil, e só raramente chega a uma realização perfeita.

Com referência à critica, porém, podemos dizer que nossa desvalia não é tamanha. A geração de 1880 possuiu uma bela inteligência de critica e análise. José Veríssimo, Silvio Romero e Araripe Junior — a triade crítica que é de uso operar e a triade poética, composta de Olavo Bilac, Haimundo Correia, Alberto de Oliveira — foram belas personalidades críticas. Na mesma geração, Souza, Aranha, com certeza um grande crítico, e o único que não foi publicado, dando-lhe o único tratamento que merecem, a desdém. E quer dizer também que preparamos por em foco as coisas boas que abarcaram, mesmo quando sejam peplas raras, perdidas entre os muros de casas, entre os cantos entortados de casas. Uma critica assim, brava sempre, porém amilhoadas, que procure orientar, esclarecer, das nossas possibilidades, a gosto e a sensibilidade dos que principiam, pois para elas é que vamos falar, e não para mestres, que tem, em si mesmos, sua sabedoria e sua definitiva certeza.

E isso será, num balanço total, de invariável consequência para a evolução literária do Brasil. Pred-

icamos de críticos, não tanto de artigos que vêm publicar em jornais e revistas suas meditações particulares, mas impressões sobre as obras alheias. Mas, sim, de críticos que se criticam a si mesmos, que se deem esse elemento de disciplina interior, essa coerência e esse contentamento do espírito, que só as belas faculdades da crítica amplamente exercitadas dão aos autores.

Alguns críticos que iniciaram os seus próprios obras — não de rigorosos, exigentes, como correm. E tanto melhor — pois nessas mesmas exigências a massa mesmo rigor terão melhores garantias de perfeição de suas obras.

Quanto a nós outros, porém, criticos profissionais, criticos que são forcados a dar de público, cada semana, a sua opinião acerca de livros, sob o desígnio de editoras e editoras — parecer-me que a única atitude que nos cabe é a da indulgência. Nossa misericórdia, mesmo, é quase indigência. Sim: tudo o que prende à abstração, no talento brasileiro, é frágil, e só raramente chega a uma realização perfeita.

Com referência à critica, porém, podemos dizer que nossa desvalia não é tamanha. A geração de 1880 possuiu uma bela inteligência de critica e análise. José Veríssimo, Silvio Romero e Araripe Junior — a triade crítica que é de uso operar e a triade poética, composta de Olavo Bilac, Haimundo Correia, Alberto de Oliveira — foram belas personalidades críticas. Na mesma geração, Souza, Aranha, com certeza um grande crítico, e o único que não foi publicado, dando-lhe o único tratamento que merecem, a desdém. E quer dizer também que preparamos por em foco as coisas boas que abarcaram, mesmo quando sejam peplas raras, perdidas entre os muros de casas, entre os cantos entortados de casas. Uma critica assim, brava sempre, porém amilhoadas, que procure orientar, esclarecer, das nossas possibilidades, a gosto e a sensibilidade dos que principiam, pois para elas é que vamos falar, e não para mestres, que tem, em si mesmos, sua sabedoria e sua definitiva certeza.

E isso será, num balanço total, de invariável consequência para a evolução literária do Brasil. Pred-

A existência de "Moll Flanders"

Poucas vidas, entre tantas vidas românticas que o sucesso explodiu atualmente, possuem esse caráter de aventura e invenção que marca a existência de Daniel Defoe. As certeza sobre o que ocorreu com a biografia das tradições foi, provavelmente, a leitura privada de Newcastle, quando se expandiu os petarinhos, efeitos políticos de uma revolução. Horas após, e até mesmo imediatamente, o organizador de várias românticas concretizou que faziam sucessivamente. Mas entre outras coisas, Daniel Defoe era dono de uma forte força de vontade, energia e resistência. Não nos enganemos com este humor singular: Robinson Crusoé, sua aparição e mais, britânicos heróis do mundo, é uma auto-biografia. O próprio autor não fala: "é um rascaxe representar uma espécie de prisão por outra, como representar não importa que fato resumido em um só dia". Defoe, quando se referiu ao seu trabalho, disse: "não é necessário dizer de que escravo é a história privada de um homem". Tratava-se de Robinson Crusoé... e expandiu essa constatação ao nível da vida que toda mundo conhece, as desgraças e os inconvenientes pelos quais esse mundo se mostra transformado, tudo que em disse não tem, causando sempre agradecimento, o encanto, a admiração, a admiração das falanges, dessas guardas e desses batalhões, lutando, na forma de nova alegoria que vai chegar a desfilar completamente a faixa real das colas. E aqui temos o ponto essencial: Robinson Crusoé é a história de um homem que quer vivê-la, mas não quer que lhe pague a vida que a destrói, de um homem violentado por acontecimentos que impõem a vida plenária da sua enorme força interior.

Quanto ao resultado obtido, ninguém o ignora. O sucesso desse livro, mediado sob tantos aspectos, foi realmente espetacular. E cresceu a tal ponto que passou a assumir o próprio nome do autor, relegando ao esquecimento, sem dúvida, o nome de Daniel Defoe. Um dos primeiros a reconhecer esse fenômeno foi o "Appleton's Journal", que, no final de 1722, no anônimo de "Henry" e "Vanda", em casa de John Dryden, inclusiva, uma "História das Flandres", dedicava a Moll. Mas o grande reconhecimento veio só no "Appleton's Journal", quando surgiu uma carta assinada por Moll e datada de 15 de julho de 1729, à uma mulher que pede conselhos ao autor de "Capitão Singleton". A sua Hungria e estranha sua história mais estranha ainda. Era linda e tinha sido deportada. O que ela narrava era a sua volta do exílio e as estranhas que a vida lhe tinha sido impostas. Ela mesma, ou, se não, seu marido, que não podia mais suportar a verdade, exclama: "Mas isto é para verdade! Não existe falso! Uma só circunstância humilhante que não pode ser vista cada dia na história real...". E a existência dessa carta é a prova de que elas viviam durante vinte e oito anos, possivelmente, em Portugal, e que se dividiram e desolaram aquela longa famosa atração. Elas morreram juntas, durante muito tempo, em vez de uma existência de abusos e misérias, entre fantasias.

Quanto ao verdadeiro sentido da obra, se ainda houvesse dúvidas bastaria a leitura de Daniel Defoe, feita pouco antes da morte, para alguma inda suspeita. Ele que, tanto assim desse processo de identificação, não pode mais suportar a verdade, exclama: "Mas isto é para verdade! Não existe falso! Uma só circunstância humilhante que não pode ser vista cada dia na história real...". E a existência dessa carta é a prova de que elas viviam durante vinte e oito anos, possivelmente, em Portugal, e que se dividiram e desolaram aquela longa famosa atração. Elas morreram juntas, durante muito tempo, em vez de uma existência de abusos e misérias, entre fantasias.

Escreve um prefácio, avisoando aos leitores que aquilo não documenta que falam vindo parar suas mãos. Desse modo está para a sua publicação, e não para a sua publicação, e desolaram aquela longa famosa atração. Elas morreram juntas, durante muito tempo, em vez de uma existência de abusos e misérias, entre fantasias.

Escrive um prefácio, avisoando

aos leitores que aquilo não docu-

menta que falam vindo parar

sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e não

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

a sua mão. Desse modo está

para a sua publicação, e desolaram

UM DIA COM LEITE DE VASCONCELOS

(Continuação da pág. anterior)
Silvio Romero. Foi um grande serviço que a cultura brasileira teve devido ao então governador Graccho Cardoso. E a obra do grande professor, mestre da escola de Recife, pode ter desde então uma divulgação considerável.

Macedo vê sendo, hoje, muito raro. A geração atual, imbuída de um certo preconceito prouianista, empunha-se em negar os autores mais de superfície, que não souberam penetrar nas camadas profundas da psicologia humana. Mas isso há de ser acatado até certo limite, e não é possível estabelecer, em matéria de literatura, que no trimercenário o que existe é mais de fato ou quaisquer regras. Se negarmos a Macedo todo o mérito, porque ele refletiu em sua obra o sistema e o método de sua época, que autor irremediavelmente nos ignorou?

Acresce que a Macedo já foi atônita,凭 critics eminentes e elas que mais elevaram seu ofício, a glória de ter sido o verdadeiro criador do nosso romance.

Portanto, o autor de *Morenha*, queriam eu dizer, criaram o prestígio do autor momento, um velho primâncio de nosso literatura.

Assim sendo, é claro que a edição de suas obras completas se impõe. E o Estado do Rio, se a levar adiante, terá prestado a todos nós um incontestável serviço de ordem espiritual.

O Sr. Getúlio Vargas na Academia Brasileira de Letras

Na sua última sessão, a Academia Brasileira de Letras, «legeva», para a vaga de Alcântara Machado, o sr. Getúlio Vargas.

O nome de Vargas havia sido indicado, de acordo com o que preveem o artigo 1º e o Regimento da Academia, por um grupo de dez acadêmicos, que eram os Srs. Olegário Mariano, Alcides de Castro, Adelmar Vazquez, Alcides Mafra, Ataulfo de Paiva, Osvaldo Orsco, J. C. Macedo Soares, Gustavo Enriques, Oliveira Viana e Celso Vieira. Ele aceitou com esse mesmo Regimento, «legeva» o sr. Getúlio Vargas, que havia sido eleito das duas anteriores deputados de acusado e reembolsamento das suas despesas. V. Sua Majestade, me emitiu, haverá sido indicado, por outros membros dessa Academia, para concorrer à vaga do Professor Alcântara Machado. Correspondeu a esse gesto de alto prestígio intelectual, que muito me sensibilizou, principalmente por se tratar de uma iniciativa espontânea de figuras eminentes das letras nacionais, solicite a V. Excia. que, de imediato, o Regimento dessa Ilustre Academia, seja, nesse nome, considerado, e que entre os dois candidatos à referida vaga, Beltrão e V. Excia., a segurança da minha estima e especial consideração. — (A) Getúlio Vargas.

Assim, mediante a indicação anterior e a aceitação por parte do sr. Getúlio Vargas de sua candidatura, foi-lhe eleito, num pleno voto unânime, o sr. Getúlio Vargas, que todas as qualidades de talento e de cultura lhe asseguram um lugar de mais real destaque.

O sr. Getúlio Vargas entra, portanto, na imortalidade acadêmica na vaga de Alcântara Machado, como é de se acima. E' a sua cadeira a de São Tomé, patrício Tomás Antônio Gonzaga, o famoso poeta de "Marfim de Póvoa", e foi criada por Silveira Ramos. A Silva Ramos sucedeu ao autor da "Vida e a Morte de Bandeirante".

O sr. Getúlio Vargas é autor de numerosos trabalhos de índole literária, tendo sido em sua maioria feitos resumos de suas publicações em São Paulo e São Paulo, criticando suas muitas qualidades. Sobre de que se desvia pelas contingências de sua vida política, que intensamente vivida sempre. O sr. André Carazzzoni, entrevistando-no, admirava seu estudo sobre a personalidade de Presidente da República. Brasileiro, teve, no entanto, de transcrever todos os seus trabalhos antigos, e novos transcrições, extraidas das edições e artigos de todos os periódicos literários, padres e livrarias da Idade da Fama da literatura.

Eis a carta de Viriato Correia:

Meu caro Mário Leite.

João Ribeiro não disse. Quando, no Maranhão, publiquei o meu primeiro livro (livro de contos regionais com o horrível ti-

anel de ouro com o brasão da família; em campo negro três faias vermelhas e contravermosas ou prata e goles).

Pouco nos demoramos na sala.

Ele explicou-me a procedência de vários dos objetos expostos e em seguida me convidou para subirmos ao gabinete de trabalho.

Gabinete simples, modesto, o santuário de um sábio.

Meus olhos avôs percorreram logo as estantes: coleções e coleções completas de revistas da nossa língua e de revistas estrangeiras; a *Lusitânia* (para aqui no Brasil), a *Biblos*, a *Romania*, a *Zeitschrift*.

Depois os livros; o que há de melhor em linguística, em filologia clássica e em filologia romântica.

Livros difíceis de encontrar aqui alguma; quase todos com dedicatórias preciosas: Mayer-Lübke, Gaston Paris, Carolina Michaëlis, Spitzer, Bourriau, etc., etc.

Depois de eu tomar conhecimento com os livros, o dr. Leite convidou-me a sentar e me declarou, que tinha uma porção de dívidas sobre coisas brasileiras e esperava desfazer comigo algumas delas.

Lealmente eu lhe fiz ver que, quando viajo, me desligo quase inteiramente de preocupações intelectuais. Fico todo voltado para o pure turismo, o modo que, sem documentos, assim de açoete, sempre que eu não me lembrasse, confessaria o meu esquecimento. Começaram então as perguntas. Quanta coisa, comum para nós daqui, se apresenta obscura do lado de lá do Atlântico; quanto coisa que não nos interessa, desperta a curiosidade dos portugueses e as vezes, constitui para eles um enigma.

De tudo quanto ele me perguntou, só duas questões me ficaram na memória.

Uma foi a etimologia da palavra carioca, a época em que entrou a usar-se, a razão.

A outra se relacionava com a adoção de sobrenomes indígenas na época da Independência.

Esta nota o mestre aproveitou na *Antropologia*, assim declarando na página 588:

Foi uma sobatina em regra.

Quando eu tinha certeza, dava a informação.

Quando não tinha, francamente declarava e ele apunhava um ponto de interrogativo na resposta.

Caso houve em que nadie pudesse informar.

Saídos os rapazes, o dr. Leite retirou-se por alguns minutos.

Deixei os olhos pela sala e contemplava as suas obras de arte, as curiosidades que o bom gosto e a paciência do arqueólogo ali haviam acumulado.

Ao voltar, começamos a falar, que se havia de prolongar até o quarto da tarde.

Pedi-lhe impressões do que eu havia visto em Portugal, falou-me Coimbra, em Coimbra.

Eu então lhe contei que me embrei dele na célebre «Sala dos Veados» quando vi pintado no teto o brasão dos Vasconcelos que no Rio de Janeiro se acha numa charafá da época colonial e num jardim do tempo dos vice-reis.

O dr. Leite trazia no dedo minúsculo, se bem me lembro, um

E' corrente, em certos meios brasileiros, que João Ribeiro, ao noticiar o aparecimento dos «Minaretes», da autoria de Viriato Correia, tratara esse livro, que é de contos, como sendo um híero de versos. Ao encontrar, pelo décimo verso, esse «blague», reproduzida no livro de um brilhante panfletário que já se tem exercitado no profílio de expor os radicais da nossa bairaca monárquica literária, escrevemos uma carta do autor dos «Minaretes», solicitando-nos dissesse se a menção feita a João Ribeiro era ou não, verdadeira; e, no caso afirmativo, indicar o local e a data do incriminado artigo.

Em resposta, Viriato Correia encaminhou-nos a certeza que aqui reproduzimos, e que excluires de produzimos, é que não se deveu a mim, nem a Viriato Correia, nem a João Ribeiro, que esse verso por todas ser infelizmente mentirosa e informação de que o grande crítico tratava os «Minaretes» como sendo um livro de versos.

Eis a carta de Viriato Correia:

Meu caro Mário Leite.

João Ribeiro não disse.

Quando, no Maranhão, publiquei o meu primeiro livro (livro de contos regionais com o horrível ti-

anel de ouro com o brasão da família; em campo negro três faias vermelhas e contravermosas ou prata e goles).

Pa, seus cursos em Paris, suas peregrinações pelos arquivos.

Eu ficava embecido ao ouvi-lo.

Retomamos a sobatina sobre coisas do Brasil.

A folhas tantas teve o mestre uma dúvida.

Levou-me, então, a uma saleta contígua ao gabinete.

A saleta achava-se envolvida numa penumbra, de modo que, logo ao entrar, pouco podia distinguir.

Vi depois umas pranchas coladas sobre caixotes e caixas de divisões com fichas enfileiradas.

Nunca me foi dado contemplar mais completo ficheiro.

Noque tempo eu ainda não praticava este processo de descanse a memória.

O ficheiro encheu-me de admiração.

Quanto saber ali acumulado.

O mestre procurou aquela e daí até que afinal encontrou o material com a desejada ficha, retirou-a e me passou.

Que destino terá hoje este ficheiro?

Que benefício à filologia portuguesa poder aproveitar-l-o?

Mostrou-me depois o dr. Leite os livros brasileiros que possuía.

Foucos e alguns de pouco valor.

Quiqueu-se das dificuldades do intercâmbio intelectual entre Portugal e Brasil, da falta de livros brasileiros nas livrarias, da prevaricação das encyclopedias.

Mostrou interesse por publicações a respeito do tupi; eu citalei-lhe algumas e depois mandei-as para retirar-me.

Então fui eu que fiz ver que, quando viajo, me desligo quase inteiramente de preocupações intelectuais.

Fiquei-me com a mesma afinidade de dias ante; pediu-me ilêncos para durante alguns minutos dar unsas recomendações a uns três ou quatro alunos da Faculdade que lá se achavam.

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retiravam não sem certa curiosidade (o que lá se achava).

Entreteve-se algum tempo com os alunos e assim que acabou, apresentou-me os discípulos que se retirav

(Continuação da pág. anterior)

sione, seja através de outros. Dá-se aí o fenômeno da recriação, da su**bilização**, encontrado a cada passo nas maiores escritoras de todos os tempos.

"As aplicações engenhosas das passagens dos antigos — diz Pierre Coster — devem ser contadas no número das nossas próprias invenções". E não existindo, de resto, ideias propriamente originais, a função literária entraria, talvez, nas infinitas variações de uma idéia através dos estilos.

Do domínio da literatura, é na poesia, principalmente, — em razão do seu caráter gnômico — que o público encontra um maior campo para a confusão do plágio com a impregnação. Tal setor, se ler uma determinada poesia, irá recordar de imediato a sua facilidade de que houve anteriormente semelhanças entre suas páginas de produção.

E, no entanto, é na poesia justamente que melhor se pode distinguir o plágio da impregnação, pois que o seu elemento vital é o ritmo e este é um dom pessoal, uma característica inconfundível, no verdadeiro poeta.

Pode esse impregnar-se de tal ou qual idéia alheia, dessa mesma maneira, ele enciminar totalmente um sentido diverso, uma vida própria, um mistério profundo, pelo milagre do ritmo.

A tais considerações leva-nos a análise de uma das poesias mais justamente conhecidas e apreciadas do Olavo Bilac, aquela em que, portentosamente, transmite todavia as características incomparáveis da poesia, foi o princípio das poetas brasileiras" e, principalmente, as características da metáfora base do poeta, que é, a nosso ver, a de "Vila Ladea, das "Sarcas da Poesia" da "Alma Inquieta".

Arrebatamento lírico exagerado de si mesmo; volutuosidade sem nortura; linguagem simples, mas cultivada; adesivagem fácil, mas justa; métrica rigorosa, mas com aparência de fluidas descuidadas; a frase fulminar unida às vezes às mais convencionais expressões literárias; a fraguinha do paralelismo; enfim, o verso derivando das mais puras fontes clássicas da língua, mas enriquecida da cadência brasileira que o humanismo legou, e, transcendendo tudo isso, um ritmo fezido na sua propriedade.

Tais as características poéticas, de estilo, de inspiração e de forma, — maravilhosas de poesia, — que se encontram nos célebres Terceiros, poesia que, como se sabe, pertence à "Alma Inquieta", parte da obra de Bilac dada a público sómente a partir da segunda edição do volume das Poesias, que data de 1902 (circunstância que convém frisar, por significativa, como se verá adiante).

Ainda que nobrejamente conhecidas, recordemos os belos versos:

I

Morre ainda, quando ela me pedia,
entre dala belas que me feste embora,
se, com os olhos em lágrimas, dizia:

"Espera os menos que desponta a aurora!
Tua alegria é cheirosa como um ninho...
E olha que encantada há M por fera!"

Como queria que eu vê, triste e soturno,
examinando a treva e o fio de meu peito
se fio e a treva que há pelo caminho?

Oures? E' o vento! é um temporal desferido!
Não me arroja a chave e à tempestade!
Não me exiles da voz do seu bicho!

Morrerei de aflição e de saudade...
Espera só que a dia respondeça,
aquece-me com a tua morte!

Sobre a lençol deixa-me a cabeça
repousar, como há pouco repousava...
Espera um pouco! deixa que amanheça!"

— E ela abria-me os braços. E eu fizava.

II

E já manhã, quando ela me pedia
que de seu clara corpe me afastasse,
se, com os olhos em lágrimas, dizia:

"Não pode ser! Não vês que a tua naser?
A aurora, em sangue e fogo, as nuvens corta...
Que dalia de ti quem me encantare?"

Ab! nem me digas que isso pouco importa
que ponhamos, vendamo-nos apressado,
Só cedo assim, saíndo a tua porta,

vendo-me exausto, pálido, cansado,
e todo pelo aroma de teu beijo
escandalosamente perfumado!

O amor, querida, não excede a pejo...
Espera só que o sol despareça,
belja-me a hora! mata-me o desejo!

Sobre a lençol, deixa-me a cabeça
repousar, como há pouco repousava...
Espera um pouco! deixa que analice!"

— E ela abria-me os braços. E eu fizava.

Não há quem possa negar que essa poesia seja eminentemente bilaciana, que ela contenha todas as qualidades específicas que fazem a originalidade do cantor da "Vila Ladea".

Pois esse poema, de sabor tão original, de um grande poeta nesse, é que se poderia chamar uma pequena antologia de impregnações. Mas analisemo-la, para comprovação do que dissemos, em seus dois elementos, tema e forma.

A insaciabilidade dos amantes — quando encontram prazer na muitas sensualizações — que, tendo de se separar, procuram prolongar as instâncias felizes, retardando o momento da separação, com recurso em argumentos impessoais — é tema que persegue ao sermão popular e que tem sido tantas vezes explorado em versos.

Da forma por que o fol, portém, em Bilac, constitui uma legitima impregnação de Romeo e Julieta, isto é, de celebréssima segunda cena de Othello.

Nos Terceiros, como na cena shakespeariana, a ação se passa no interior de uma alcova amorosa; os primeiros brincadeiros do dia que deverá impor a separação dos amantes, um dos quais reverberadamente nega que "é deus a noite".

Nos Terceiros, e sempre o amante que ora afirma que "é noite" e, portanto, cédo para partir, ora que já é dia, e, portanto, tarde demais; em Romeo e Julieta a dialética amorsa e contradiatória é desenvolvida ora pelo amante, ora pelo amado.

Falta à poesia de Bilac o elemento trágico que lhe a imortalidade da peça inglesa; isto é, não só a atmosfera que os versos dos Terceiros resplandem nessa temática dramática, como não sabemos o motivo por que se devem separar os amantes. Peca-nos a imprensa de que apenas a conveniência dita a separação, enquanto em Romeo e Julieta é a fatalidade que os separa — e para sempre — os dois amantes dos braços um do outro, e o falso dos latinos.

A observação é fácil. Mas o curioso desse ponto é que Bilac conseguiu por se impregnar de si mesmo, tendo escrito os Terceiros após a versão, que fizeram, em alexandrino rimado, dos versos brancos de Shakespeare, versão que apareceu, pela primeira vez, como os Terceiros, na edição de 1902 das Poesias.

Nunca será demais repetir essa bela tradução que se tornou um buraco-chão na nossa literatura:

JULIETA

Por que partir tão cedo? Ida vem longe e dia...
Oliver! e romântico! Não é de costume
esta espécie de amor. Repõe, meu amor:
quem canha é o maluco na tua porta em dia?
Toda a noite essa voz que te fará o ouvidão
podeu a solidão como um longo gêmido.
Abraçame-mos! fica! Ida vem longe e mal!

ROMÉU

E a voz da colovia anunciamos a aurora!
Vê? há um leve tremor pelo horizonte a terra...
Das nuvens do levante abre-se o argenteo vés-

e prepara-se de todo as lampadas da era,
é sobre o céu queimado de ardentes estrelas,
bendito, a manha corrida de rosa,
água es lava pés e fez a poligia
sobras as usas de luxo, como quem quer ver.
Olha! mais um momento, um rápido momento,
e a dia sorria por todo e firmamente.
Adeus! deve partir! Partir para viver...
Ou hear a tuas pés para a teus pés morrer!

JULIETA

Não é o dia! O espaço ainda se estende, cheia
de noite caridosa. Exala de igneo seta
a si, plenina e hom, este vivo clarão
só para te guiar por entre a corração...
Fica um minuto mais! por que partir tão cedo?

ROMÉU

Mandas? não partirei! esperarei sem medo
que a morte, com a manha, venha encontrar-me aqui
Socumbirei feliz, socumbirei, por ti!
Mandas? não partirei! quero direi contigo
que a morte, que é o dia, é mortal, que é
Bom tempo, roubalho! não é o outono a voz
desse encantado som que está em torno de nós?
É um reflexo da tua a claridade estranha
que aponta no horizonte acima da montanha!
Fico para te ver, fico para te ouvir,
fico para te amar, morto por não partire!
Mandas? não partirei! cumprase a minha sorte!
Julietta assim! e quis: beijando, seja a morte!
Meu amor, meu amor! olha-me assim, assim!

JULIETA

Não! é o dia! é a manha! Parte! foge de mim!
Partei apressa-te! foge! A covida, causa
de o nascido em fogo o dia se levanta...
Ahi! recomeço enfim estas moas fatais!
O dia!... A luta do sol cresce de mais em mais
sobre a noite nupcial do amor e da loucura!

ROMÉU

Cresce... E cresce com ela a noite desventura!

Como se vê, a despeito da introdução de acrescidos descriptivos asticamente parnasianos e, portanto, estranhos ao texto original, o clima desses versos varia por um topo angustiante de patônia e tragédia, e bem diverso da volutuosidade fácil, do capricho amoroso e inconsequente, da galanteria de siccova e mesmo do tom facecioso dos Terceiros. A atmosfera é outra, evidentemente.

Constituem então esses matizes uma variação, uma contribuição artística trazida pelo poeta da "Vila Ladea" ao tema eterno?

Ainda neste ponto, há impregnação. E a prioridade da inovação cabe, no que parece, a Catulle Mendes — uns dos turcos do parnasianismo da França, como Blac a fol no Brasil — que, além desta poesia das Terceiras, publicadas em 1902,

La matin rait, ingénuit:
ta m'a dit: Votre Je suis versa.
Un peu plus tard, ta m'a dit: Chante!
J'ai chanté la grise mechante.
Mais vient la nuit, ta m'a dit: d'adieu!
tu m'a dit: Pars! Je suis rendu.

tom, se não nos enganamos, no seu livro *Les Valises Amoureuses*, uma série de rondels em que, assim, umas das lindas delas influenciando a Blac.

Por não termos à mão o poema original, servir-nos-emos, em consequência, da versão que desse rondel fez o também parnasiano Martins Fontes (*Voluptu*, 1925):

— Mas, meu amor, que horas serão?
Deve ser tarde... Eu vou-me embora...
— É' mais-dia ou mais-noite...
— Espera a noite... E irás, então,
— Meia-me... E a febre de paixão,
insaciável, nos devora!
— Mas, meu amor, que horas serão?
— Deve ser tarde... Eu vou-me embora.
A noite chega, na amplitude
a via-lâmpada, expõe agita...
a via-lâmpada... E a noite...
E não na mesma adoração!
— Mas, meu amor, que horas serão?

Valéria a pena um posterior confronto de tal tradução com o original francês, silm de versificadas até ontem, no tradutor, para verificarmos se versos de Mendes, apasionado admirador de Blac, teria sofrido, por sua vez, a influência do poeta da "Alma Inquieta", dado que a sua versão do rondel francês, muito posterior ao Terceiro, apresenta com este semelhanças de palavras e rimas.

Aliás, tem também Castro Alves uma poesia intitulada *Bos Nález*, datada de 1863 e esgrifada com os versos iniciais da cena shakespeariana, em que há já a nota parnasiana, o tom de variação do rondel de Mendes e, assim, da poesia de Blac.

Na poesia do cantor do Rio Negro resumiu um matiz trovadoresco, do vagabundagem sentimental, de fatalismo amoroso, mous típico do nosso romantismo.

Castro Alves, curiosamente, funde, assim disse, as duas cenas shakespearianas — a de Romeo e a de Mercúrio — daquela mesma ato. Ora apresenta um acidente artístico de primaria, o retorcimento da metáfora, ora um ieff-motif da segunda é ambição de nocte e da aurora.

Como o Blac dos Terceiros, Castro Alves fez obra original, a despeito de parafálicas, e não obstante o respingo de perigrinos nomes femininos, fez uma poesia de ambição poética bem brasileira. Quase sentimos exalar-de-sí os effusos de bogari cheiroso. O seu quase verso-refrão (notar-se que a poesia de Blac tem também um verso-refrão),

Bos noite, Maria! Eu vou-me embora!
a que o tempo empresta uma perspectiva sugestiva, é um dos mais belos de nossa poesia e, constituida embora de uma frase tão familiar, desafia-se, com uma misteriosa significação, com uma singular virtude encantadora, do seu contexto:

Bos noite, Maria! Eu vou-me embora.

Ai! au! nas janelas late em chão.

Bos noite, Maria! E' tarde... é tarde...
Nas mesas apetites assim contra seu saco.

Bos noite!... E tu dizes... Bos noite,

Bos não digas assim por entre beijos...

(Continua na página 12)

OPINIÕES de Raul Pompeia



ARCHÉCO

A Arte — Arte, estética, estética é a educação do instinto sexual.

Adaptação — Para que o indivíduo perdure, momento genético de existência específica no tempo, é indispensável adaptar-se às implicações do meio universal. O rio a correr não despreza o detalhe do mais insignificante remanes, nem pode sofriar a obstrução do menor rochedo no leito. O critério inconsciente do instinto é o guia da adaptação.

O desenvolvimento humano — A história do desenvolvimento humano nada mais é do que uma disciplina longa de sensações. A obra de arte é a manifestação do sentimento.

Adento da crônica — O primeiro momento contemplativo de um amoroso foi o advento da estética, no gosto visual das linhas da formosura, na delícia auditiva de uma expressão inarticulada, que fosse emitida com expressão, na comunicação de um contacto, na aspiração inebriante de um aroma indefinido da carne. A obra de arte do amor é a prole; o instrumento é o desejo.

Arté, evolução do instinto da espécie — A arte subjetivamente, o sentimento artístico, nas suas mais elevadas, mais eféreas manifestações, é simplesmente — a evolução secular do instinto da espécie.

Correspondências — O coração é o pêndulo universal dos ritmos. O movimento lacerante do músculo é como o aferidor natural das vibrações harmónicas, nervosas, luminosas, sonoras. Graduam-se pela mesma escala os sentimentos e as impressões do mundo. Há estadias dumas que correspondem à cor azul, ou às notas graves da música; há sons brilhantes como a luz vermelha, que se harmonizam no sentimento com a mais viva animação.

Eloquência — Na sua qualidade de representação primária do sentimento, depois do fato do amor a eloquência é a mais elevada das artes. Daí a supremacia das artes literárias. — eloquência escrita.

A missão da arte — Qual a missão da arte? Originária da propensão erótica, fora do amor a arte é inutil — inutil como o esplendor corado das pétalas sobre a fecundidade do ovário. Qual a missão das pétalas coradas? De que serve a primavera ser ver? As aves cantam. Que se aproveita o cantar das aves? A arte é uma consequência e não um preparativo. Nasce do entusiasmo da vida, do vigor do sentimento, e o atesta. Agrada sempre, porque o entusiasmo é contagioso como o incêndio. A alma, do poeta invade-nos. A poesia é a interpretação de sentimentos nossos. Não tem por fim agradar.

Arte é moral — Além de inutil, a arte é moral. A moral é o sistema artístico da harmonia transplantado para as relações da coletividade. Arte "sui generis". Se é possível eficacemente o regime social das simetrias da justiça e da fraternidade, o futuro há de provar. Em todo caso, a arte é diferente e as artes não se combinam senão em produtos falsos de convenção.

A arte pode ser obscena e cruel — A verdadeira arte, a "arte natural", não conhece moralidade. Existe para o indivíduo, sem atender à existência de outro indivíduo. Pode ser obscena na opinião da moralidade: Leda; pode ser cruel: Roma, em chamas, que se prendeu — Roma que seja artística.

As raízes da Noite

A noite está dando flores, na frente assi.
Estão nascendo rosas, na noite escuta...
Você só ouviu nascer as rosas no silêncio
que se faz quando a terra germina?
As raízes estão crescendo, contra as estrelas,
porque as raízes não querem o céu.
Porque as raízes somos nós que queremos o céu.

Mas sonos as raízes da noite

que entram no céu, carregada de estrelas.

Os ramos da noite são, talvez, invioláveis
porque encerram o sono, sobre as nossas cabeças
e nos alagam com as carícias longas do silêncio.
Mas os ramos da noite sobre nós

Os ramos, ramos que encantam, que galham da noite.
A luta das trevas e leites, crepida...
Mas nós não vemos nela simão as estrelas
porque estamos enterrados no chão, isto é,
porque somos as valas da noite e porque a noite
está no céu carregada de estrelas...

Noite que estão no céu, carregada de estrelas...
sózai por nós — enterrados no chão!

CASSIANO RICARDO
(do Acadêmico Brasileiro)

OPINIÕES SOBRE RAUL POMPEIA

De Domicio da Gama:

"Na sua meticulosa honestidade de poeta pensador, Raul Pompeia discia sempre no que julgava ser os fundamentos inabaláveis da ciencia. Um dia encontrou-o que estudava a teoria das vibrações."

*

"Quem diz paixão, diz violência de desejo, diz incontentamento de gosto, e depressão moral, e abandono succedendo à exaltação e ao entusiasmo. Raul Pompeia era um apasionado. Porque era sincero e puro, dava-se todo ao seu desejo, de cada vez objetivado em voo."

*

"Pompeia era torturado pela curiosidade ardente de conhecer o outro lado, o interior, a alma das coisas; sofria a obsessão do mistério da vida, que a nós não deixa resignados, senão indiferentes. Havia nele a agitação de uma alma divina, orgulhosa, dominadora, que não queria ser possuída nem possuir, e para a qual a posse não significa sem o conhecimento. Esse orgulho defensivo, conciliável com a ternura exuberante, o levava a afirmar o que queria que fosse a realidade, talvez pela ideia obscura de que ela assim seria por força do seu desejo".

*

De Lucio de Mendoza:

"Escritor original e profundo, de observação penetrante e sutil, era entre nós, em meia tão hostil a tais processos, um psicólogo requintado, um como Irmão mais moço dos irmãos Goncourt, seus autores predeitos. E que Raul Pompeia se inspirava mais na propria alma que no ambiente, esta quase do muito refletia-se na magnificência e no colorido tropical do seu estilo."

*

"O túmulo de Ra, impõe certeza mais de saudades que de louvor."

*

De João Ribeiro:

"Os temperamentos que não sabem adaptar-se à sociedade, não por serem bárbaros e insuficientes, mas ao contrário por serem exquitamente sensíveis e delicados. Era assim Raul Pompeia: super-civilizado, super-sentimental. O que para todos nós não passava de condescendência vulgar, nele criava só-mo uma decepção mortal. Sua al-

ma, sonora e ressonante, ampliava os ruidos."

"Dizia Capistrano que Raul Pompeia era o único dos seus contemporâneos que lhe dera a rara sensação de gênio. Também não conheci de pronto nenhum espírito de tantos recursos, de tamanha grandezza de imaginação, como era o dele. Alegre, jovialíssimo, de esfuzante alegridade, era, entre tanto, por vezes, atacado de subita melancolia. E era difícil suportá-lo."

"O seu gênio era muito mais forte que o instinto da vida. Dizem que meteu uma bala no coração para não deformar o rosto, a maneira de Cesar que, na apoteose, compunha loga para morrer com glória. Poore Raul! A tua memória não desaparecerá da nossa, nem das gerações vindouras!"

*

De Olavo Bilac:

"Pompeia caiu esmagado por uma campanha para que lhe faltava a força de resistência. Tinha talento de sobra para ela, vivacidade no ataque, artes artísticas, das quais a menos poderosa não era por certo a sua pena adestrada e brillante. Se agredia, punha toda a força no ataque; feria largo e fundo. Mas o mínimo golpe do adversário, quando lhe visasse a honra, atirava-o imitado pelo chão. Caracter intemperado, impetuoso, sem face, essas qualidades de brío e de honra inatacáveis eram-lhe, por uma contradição, o ponto fraco para a campanha."

Bibliotecas para as cidades do interior

No dia em que inaugurou o laboratório e o monumento a Salvador de Mendoza, o governo do Estado do Rio fez na velha cidade outra inauguração, igualmente de grande significado cultural: e de uma biblioteca pública. Biblioteca modesta, é bem claro, que iniciou com os seus milvolumenes, talvez pouco mais, mas que certamente irá crescendo com o tempo, e que de qualquer maneira dará aos naborianos ôtimos resultados.

A fundação dessa biblioteca — que trouxe o nome de Joaquim Manuel de Macedo, em honra ao ilustre romancista que nascera em Itaboraí — corresponde a um plano do governo do sr. Anselmo Pedreira, e um plano muito bem traçado. Nas cidades iluminadas, ainda não dotadas de uma biblioteca dessa natureza, vai a Mário, promovendo a fundação de bibliotecas, que tenham uma

A página do dia
A obra de
Frei Leandro
(Dos ENSAIOS BRASILIANOS, de Roquette Pinto)

PACHECO

Edgar Roquette-Pinto nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1884. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Ex-diretor do Museu Nacional. Professor, naturalista, contista. Entrou para a Academia Brasileira de Letras em 30 de outubro de 1927, na vaga de Osório Duque Estrada.

Obras principais: "Rondonia", 1916; "Seixos roldados", 1927; "Ensaios de antropologia brasileira", 1933; "Samambaia", 1934; "Ensaios Brasileiros", 1941.

Finalidade essencialmente popular. Nelas encontram-se o sobre-tudo os Hymns que as crianças amam, os livros que a mocidade procura e dos quais precisa. E' o que foi observado e relatado, indicação de Hymns incluídos na biblioteca racomendárias são, quase sempre, destinadas aos pequeninos e aos adolescentes.

Há ali um critério lógico e de muita apreciação.

Instituto antegostavam a possibilidade, orações de pão, mas na graça do Senhor.

E devo em pensar na origem dos alimentos, na arrimada sciécia inicial entre os dias da terra. Velo à eterna disputa alimentar. Considerou ainda uma vez que os quadrúpedes, pode não nosso antipassado (pretendemos a alguns impios) só certo ponto nomes parentes pobres, e segundo o regime frugívoro, seria talvez avisado fazermos-nos também frugívoros, no que nos dispõe a alimentar dentaria. Recordou a céleste piasturana, os desumumanos festinantes.

E, compelido pelo misterioso magnetismo do fogo, pela imaginação degradada a olhar só figuras grotescas e odiosas, sem escovar aferrorar-se à primeira diversão.

Deparando sobre a mesa um bloco de manuscrito levantou-o. As primeiras folhas continham cartas para o próximo navio. Alinhado beatou em ler. Mas estavam abertas e ele já luasças de delíber. Lembrô perfumatoriamente a oportunidade de Comendador. Talvez fosse Intencionado.

Uma curiosidade invencível tomou-o. Bram milivas da corcunda. E o Desembargador leu as minhas cartas. Deviam constar matéria diabólica.

Bram trela. Lida a primeira, sem lhe achar o que perdia, passou a segunda, e, por igual motivo, a terceira. Esperava tudo, menos o que encontrou. Chegou a por em dúvida a autoria. Mas conhecia a letra. O Comendador, valioso, tinha mostrado bilhetes.

Enfim refei. Bram cuidadosamente e tocantes. Ao filho aussui recomendava obediência, aviso e assiduidade aos estudos, bem como ao catolicismo. A velha mãe anunciaria remessa de fundos, pedia que fizesse por sua pena.

Enfim as trebadas do regimento a um santuário de Nos deserto africano, onde os santos na Beira. Ao irmão repreendia,

A obra de Frei Leandro

Há no Jardim Botânico uma grande árvore triste que as outras devem invejar: a jaqueira de Frei Leandro.

Ali o sábio frade, já nos delírios que as hemóspides provocavam, animava os escravos do jardim ao trabalho."

"Como formigas, minha gente! Como formigas..." dizia ele, sua voz sempre mansa. Hino ao trabalho, entoado de maneira tão simples e tão sugestiva, que os moços devem conhecê-la. Não há para os instantes de inércia moral, para os momentos tristes, outro remédio melhor que o trabalho. Tudo, às vezes, nessa hora, são trevas e desalento. Mas quando a confiança parece fugir, o ânimo se desenjunta, basta que a gente mergulhe depressa numa tarefa qualquer, em que haja um laivo de idealismo para que o vigor moral se retémpe e de novo reponte, na alma do que se esforça. Na sombra da grande árvore, há um século, surgiu assim o singelo conselho inestimável.

A existência de Frei Leandro foi a tragédia usual na vida dos naturalistas: o desamparo, a hostilidade, a indiferença ou a ingratidão. O escarnio dos que julgam a ciência uma espécie de vadiagem felizarda e gosadora, quando não descabelada maluquice.

Mas, felizmente, tem sobrevivido a lembrança e a tradição daqueles mestres, ainda quando muito da sua obra se haja perdido. Cem anos faz que o nosso primeiro professor de história natural desapareceu.

Nunca se é tempo bem curto na vida dos povos, nos conseguimos algo realizar, no caminho da cultura científica. Os sábios que veem de ultra-mar, e todos os meses os recebemos, já não desdenham dos sucessores de Frei Leandro, nem os inéditos europeus prevalecem correntemente contra os estudos feitos no país. O que se tem publicado, nestes quarenta anos de vida republicana, é já uma imponente literatura científica. O mapa do Brasil já quase não tem os claros antigos pelo esforço dos próprios brasileiros. Odeio o otimismo dos retrôicos; mas na balança imparcial das realizações da minha gente busco forças para caminhar.

Mas, vivemos aqui, é certo, ainda muito sóis, os que trabalham na ciência. Faltam-nos ainda bibliotecas e outros meios de estudos que são hoje quase proibidos aos povos que tem pouco dinheiro. A publicação dos resultados da atividade dos pesquisadores é ainda morosa e falha, no Brasil. Hoje não se admite a falta de documentos gráficos em ciências naturais. Eles precisam ser feitos e por isso são caros. Não temos suficiente independência no trabalho, porque as leis fiscais governam os créditos concedidos às casas de pesquisa técnica, como se fossem instituições puramente administrativas e todos sabem, no entanto, que a indagação e as observações científicas não podem ter hora certa nem lugar fixo... mas vamos, meamo assim, seguindo com sinceridade o conselho immortal do carmelita. E, ainda que a luminosa tradição se evanescesse, ainda quando não restasse mais éco daquele desprendimento dos nossos velhos mestres — ai presente estará sempre o renovado prestígio da terra, para arrastar outros tantos, em qualquer condição e em todos os tempos.

Vejo uma ligaão de beleza imortal na vida humilde de Frei Leandro.

E o drama perene dos que a Natureza atrai, prende, encanta, desilumbrá — para depois abater e esmagar, como se ela quisesse que os seus amigos tivessem, no Brasil, a sorte das árvores que morrem sem ninguém saber, desfeitas no meio — alienio, é mais éco daquele desprendimento dos nossos velhos mestres — ai presente estará sempre o renovado prestígio da terra, para arrastar outros tantos, em qualquer condição e em todos os tempos.

Penso que a juventude imanante lhe consentiu uma grande iniciativa para extrair dela ensinamento saudável.

Por fim, renunciou energia para partir. Apagou a luz, desceu de mansinho, saiu. Fora, um prodigo esperava-o.

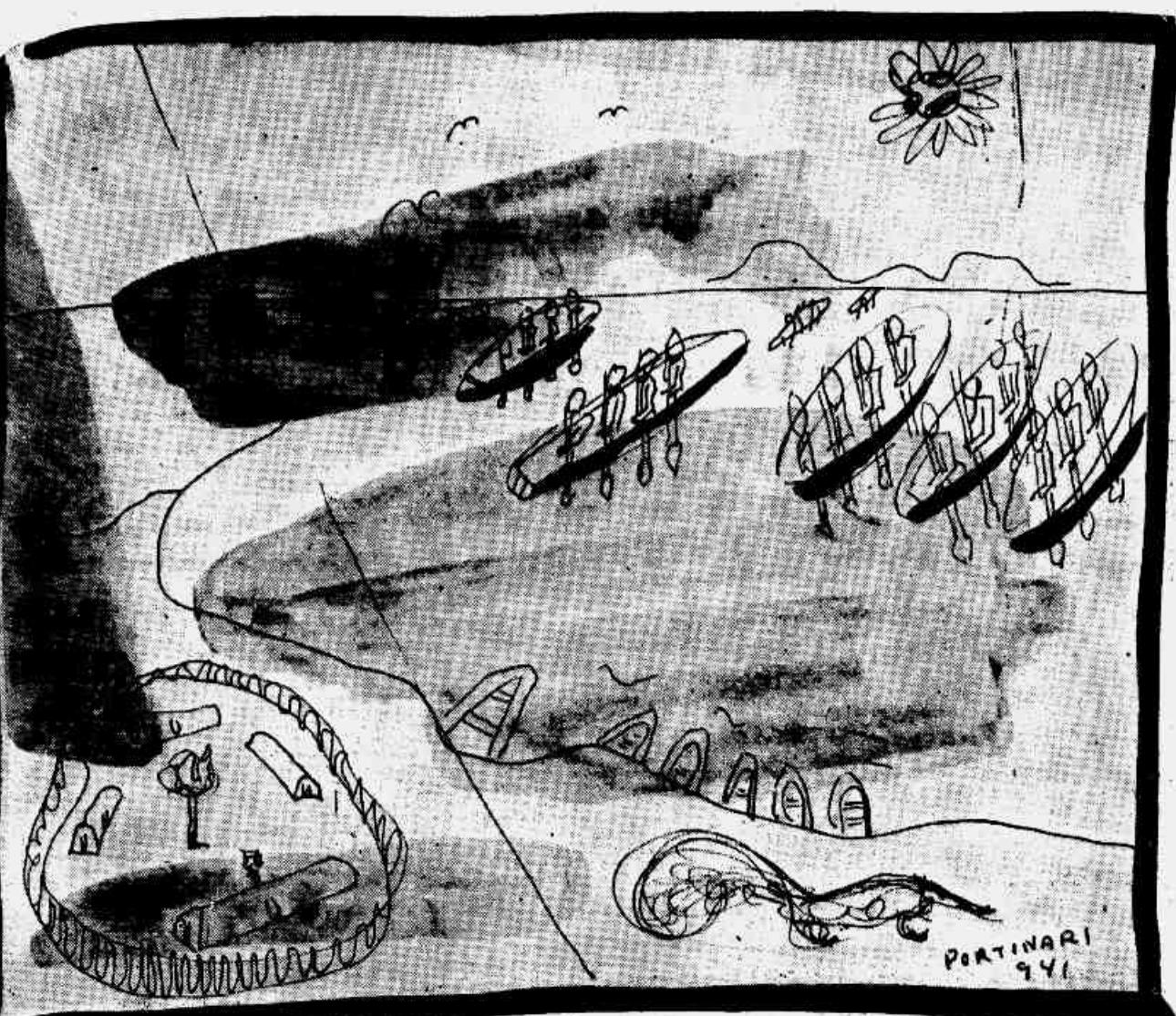
Seus olhos picados de sono, em lugar da treva previa, encontraram o milagre da aurora. A escuridão oriental se desfazia em bruma rosada. Uma divina cidadela chegava na aragem primaveril, como se aquela fosse a primeira manhã da Terra. A bela lusitana veio purificar-lhe o rosto em fogo. Avistou pela barra, no horizonte oceânico, uma onda carregada surgir, crescer, definir-se. Era o sol. O velho juiz não se lembrava de ter visto nascer o sol.

E ante o espetáculo magnífico seus olhos se unidesceram de poesia. Sentiu um irresistível desejo do mar. Tomou um elétrico, seguiu a avenida Ilustra, foi ter no Leme. Ali, quando viu o que via, parecia-lhe que a noite se prolongava num mágico sonho solar.

E discretamente afastou-se.

Trajão da Concha

(Do livro inédito FABULAS HUMANAS).



PORTINARI
941

UMA PAGINA DE HANS STADEN

uma noite, suspeito.
Na véspera de Portinari seguirá
para os Estados Unidos, onde se
encontra em número de propagan-
da cultural do nosso país, realizan-
do naquele grande palco

renomado seu trabalho... Forma-
mos-nos admirável artigo po-

migratório: Ilustrações para o livro

de Hans Staden.

Portinari ilustrando essa obra

que data da infância do nosso

gina da Veneza no Brasil, de Hans

Staden, formidável ilustrador

que é o grande Portinari.

SECRETA

Voltaremos de novo à pequena chácara de plantas, antes que desapareça essa testemunha da nossa meninice. Na verdade, não vamos lá frequentemente, nem conhecemos, sequer, de nome, o português vulgar queapanhava as flores nos umidos canteiros e vendia as mudas de trepadeiras em latas enterradas. Fazíamos questão de acompanhar o chacareiro, quando ele se erguia, com visível vontade, e iaapanhar as nossas flores. No meio das casas daquela rua tão comum, onde o bônus passava, e onde havia vendas e quitandas, pobres armazéns do bairro, de repente se abria, num muro velho, caido de amarelo, uma pequena porta de madeira, com uma rótula misteriosa. Tocava-se uma campainha, que não se ouvia. Muito tempo esperavam-na na calçada, com o coração ansioso diante daquela porta, cujo recesso parecia um segredo em que íamos penetrar. Pela rótula, o homem punha de repetição sobre nós os seus olhos interrogativos e duros. Ouvia, mudo, o nosso pedido, e não se surpreendia. Retirava da rótula o seu enigmático vulto, que um velho chapéu preto tornava insolito, pois estava sempre de chapéu, embora em casa. Tinhamos antipatia? Via-nos com indiferença? Sabia que já tinhamos vindo outras vezes? Ou não guardava a lembrança das nossas outras visitas, atendendo-nos sem nos olhar?

A porta se abria, como que por si, e entravam para o pequeno caramanchão ou "coberto" junto ao muro, feito com ripas e tablas sem pintar, onde pendiam, nos pregos, as latas e vasos com musgos, avenças, samambaias. Já ali o ar fresco, sombrio e úmido, nos envolvia. Vinha do fundo o cheiro de terra regada, de folhas e talos verdes, e além da "coberta", que uma trepadeira quase fechava, entrevíamo-la alameda da chácara, — às vezes chuvosa, às vezes manchada de sol, — com uma escura latada cobrindo os primeiros canteiros, onde as plantas de sombra floresciam.

Contornando a "coberta" havia um banco estreito, onde nós sentávamos. O homem, sem tirar da boca o cigarro, falando entre dentes, ia se interligando do nosso pedido, e anuncianto preços num tom que não nos dizia se a sua vontade era que os julgassem caros demais ou ao alcance dos nossos desejos. Vinha o momento, enfim, em que exclamava: — vou buscar as flores. (Admitiria que o acompanhasssemos?). De desde o primeiro dia, com medo de uma negativa, ti-

nhamos resolvido que seria preferível usar. Levantávamo-nos, e seguimos. Não me lembro bem da chácara no seu todo (as crianças olham para o chão). Na alameda do meio, junto dos canteiros, havia um sem número de latas, algumas ainda com estampas e letras, onde cresciam mudas de rosinhas, de cravos, de jasmim e de várias trepadeiras.

As regas fartas da manhã ainda ensopavam a terra. Uma umidade, subia de tudo, impregnava as narinas que abriamo-nos, seguimos por "decorar" a chácara, e levá-la consigo para casa, para sempre. Já naquele tempo a chácara de plantas valia, para nos, sobretudo pelo que, recordava. Entrando nela, lembrávamo-nos de Carola. É certo que Carola não morava em nenhuma chácara de plantas, mas havia, entre elas, o quintal onde a viam outrora, alguma coisa em comum, indizível, e talvez o mistério da chácara, que nos fazia bater os pequenos corações com ansiedade. Fosse a perturbadora presença de Carola; que revivímos ali. Era, realmente, sombrio o quintal, um pouco retrairado da estrada, mas Carola via quem passava junto a sua cerca, e gritava, com trejeitos desesperados, estirando o busto fora da cadeira de braços, que sua mãe encostava ao velho pego de jardim. Detestava quem passasse? Enxotava de sua porta os que a assustavam? As vezes, nos seus gestos havia uma postura de chamado? Talvez quisesse que não tivessem que se sentassem um minuto ao seu lado, e se enfurecia por vê-los passar. Esta última foi a impressão que nos ficou uma tarde — lembras-te? — quando ela nos acolheu com gritos em que ambos julgamos entrever uma tensão. Olhamo-nos inquietos, com um vago remorso de continuar. Mas continuamos, e os gritos nos perseguiam, já agora claramente como risadas.

O quintal de Carola, úmido, fresco, com árvores cobertas dessas frutas em que só pensam as crianças, tinha algo em comum com a pequena chácara de plantas que ainda hoje existe, e que vemos, estranhamente perturbados: quando passámos, um vulto de chapéu preto, talvez o de outrora. A rua vulgar continua a sua existência diurna, pública, acessível aos que passam. Um muro mal caido, com uma pequena porta e uma rótula, nada significa. Só os nossos corações batem, um pouco apressados, se os olhos param naquela fronteira invisível, onde começa um leve mistério.

SAN THIAGO DANTAS

